

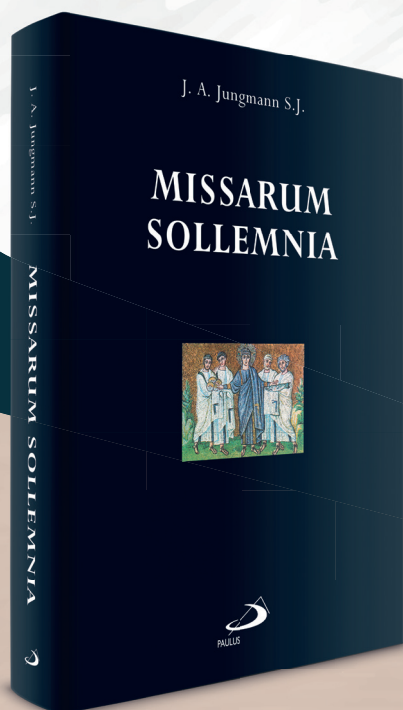
vida pastoral

novembro-dezembro de 2022 – ano 63 – número 348



**18º CONGRESSO
EUCARÍSTICO NACIONAL**
PÃO EM TODAS AS MESAS

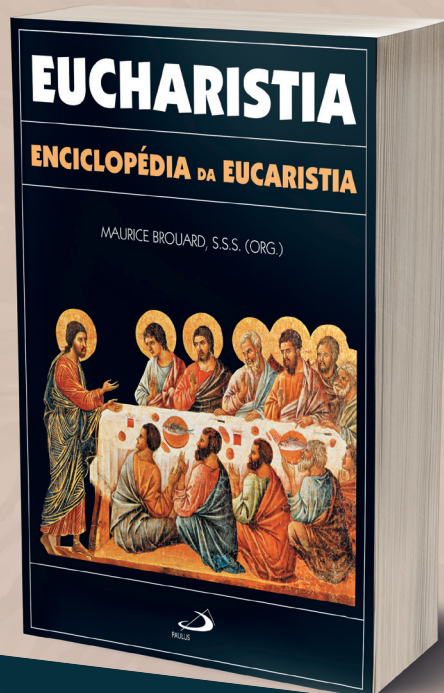
SURPREENDA-SE COM A HISTÓRIA E A EVOLUÇÃO DO CULTO EUCARÍSTICO



Missarum Sollemnia foi pensado para ajudar a compreender como a Igreja desenvolveu, ao longo dos séculos, a tarefa de dar forma concreta ao Dom do mistério salvífico de Cristo, recebido, acolhido e celebrado na liturgia da missa.

Eucharistia apresenta as sínteses propostas por representantes das teologias católica, ortodoxa e protestante, além de reflexões sobre alguns temas fundamentais, como o sentido e a dinâmica da celebração, inculturação pastoral eucarística, artes, celebração e legislação.

Confira!



Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

**vida
pastoral**

No interior havia um homem que vendia pão. Era conhecido simplesmente como o Zé do Pão. Sua voz inconfundível ecoava todas as manhãs, quando o sol ainda nem tinha despontado, o povo trabalhador começava seus serviços, o café espalhava seu aroma e a passarada nas árvores, as galinhas no terreiro, o gado no curral faziam a festa, pela alegria do novo dia.

Zé do Pão, além do serviço que fazia, era quase como um relógio. As conversas das pessoas, referindo-se a algum ocorrido, geralmente diziam: “Foi na hora em que o Zé do Pão passou”; “Foi antes do Zé do Pão passar”; “Foi depois do Zé do Pão”.

Além disso, havia algo discreto e curioso escrito logo abaixo do balaio de pão: “O homem não vive só de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4).

O Zé dependia totalmente da venda do pão para o seu sustento e o de sua família, que não era pequena. Contudo, embora tivesse a venda do pão como única forma de sobrevivência, o seu letreiro expressava a existência de uma realidade maior, para além do pão.

Há um sentido na vida que supera a luta cotidiana para tão somente saciar o estômago. Mas, infelizmente, enquanto você lê este texto, uma multidão imensa de irmãos nossos, hoje, não têm o que comer e sua preocupação não pode ser outra, senão saciar esse flagelo que lhes corrói o estômago. “A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago.” Essa frase, da escritora e favelada Carolina Maria de Jesus, define bem o tormento da fome.

O XVIII Congresso Eucarístico Nacional (entre os dias 11 e 15 de novembro de 2022 em Recife) suscita um clamor pela fartura e contra a fome. Cantar “Pão em todas as mesas” é dizer que os bens da terra, se partilhados,

conseguiriam saciar a todos. “Repartiam o pão com alegria e não havia necessitados entre eles” (At 2,46). A celebração da Eucaristia nos ensina que a partilha é possível. Se os bens fossem bem administrados e distribuídos, ninguém passaria fome no mundo. Essa é grande lição eucarística.

O Brasil, por exemplo, é considerado o celeiro do mundo. A safra brasileira de grãos se encaminha para um novo recorde; estima-se uma produção de mais de 270 milhões de toneladas. Em vista disso, não é contraditório que em nosso país haja tanta mesa vazia?

Certa vez, diante de uma multidão de famintos e com poucos recursos, os discípulos de Jesus inventaram desculpas para despedir a todos e deixar que cada um se virasse. Mas Jesus foi claro: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mc 6,37).

A Eucaristia aponta para uma realidade de sentido profundo: o alimento que não perece. Outrora, Deus saciou a fome do povo no deserto com o maná do céu. Jesus agora é o verdadeiro pão descido do céu, pão que sacia toda fome. Não só a fome do estômago, mas o vazio próprio da condição humana, tão fragilizada nestes tempos de fome, pandemia e guerra.

O exemplo do Zé do Pão nos ensina a olhar o mundo com um olhar de fé, de simplicidade e de confiança em Deus, a fim de superarmos nosso egoísmo e cobiça e ouvirmos sempre a palavra que sai da boca de Deus: Jesus Cristo mesmo, presente no meio de nós. A celebração do XVIII Congresso Eucarístico Nacional renove em nós a esperança de um novo tempo, aqui, enquanto peregrinamos, e a certeza de que, um dia, nos saciaremos no banquete eterno.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 63 - Nº 348
novembro-dezembro de 2022



PAULUS

© PAULUS – 2022
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Jornalista responsável
Pe. Valdir José de Castro, ssp

Direção editorial
Frei Darlei Zanon, ssp

Editor
Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Redação
vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial
Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Pe. Darci Luiz Marin, ssp
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Frei Darlei Zanon, ssp

Imagens
Romolo Picoli Ronchetti

Imagem da capa
Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação
Philipe Silva Ribeiro dos Santos

Revisão
Alexandre Soares Santana
Tatianne Aparecida Francisquetti

Impressão - PAULUS

Versão digital
vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.
Área:
Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Sumário

A PROFECIA DA EUCARISTIA EM UM MUNDO DE
DESIGUALDADES SOCIAIS 4
Fernando Saburido, osb

CONGRESSO EUCARÍSTICO:
HISTÓRIA DA FÉ NO MISTÉRIO DA EUCARISTIA 12
Moisés Ferreira de Lima

EUCARISTIA, CEIA MEMORIAL E FESTIVA:
DA RITUALIDADE AO MISTÉRIO 20
Danilo César e Penha Carpanedo

A EUCARISTIA, FONTE DA SINODALIDADE 30
Sergio Sezino Douets Vasconcelos

ROTEIROS HOMILÉTICOS 36
Izabel Patuzzo

Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 20 reais.
- O acesso ao *site* continua inteiramente gratuito: www.vidapastoral.com.br

Para contato:

paulus.com.br/loja
☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
☎ (11) 99974-1840
✉ assinaturas@paulus.com.br
f @ @ @ @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de Setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasil@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 / 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj. 1
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopeessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

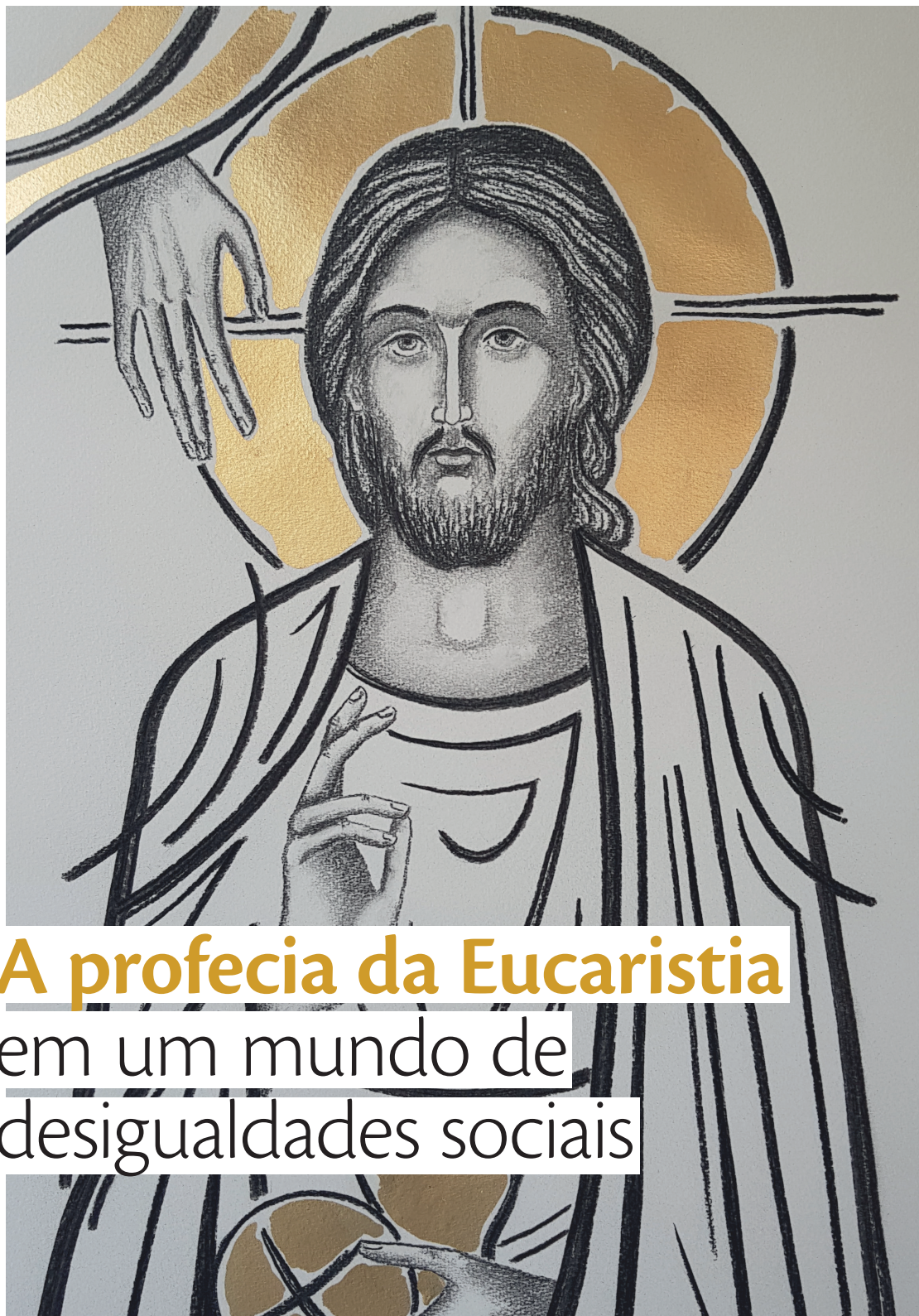
Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 / 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
teresina@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



A profecia da Eucaristia em um mundo de desigualdades sociais

Meditar sobre a Eucaristia é assunto desafiador, por isso a escolha do tema: “Pão em todas as mesas”. Nossa meta é realizar um congresso com dignidade e, ao mesmo tempo, motivar a solidariedade, sobretudo por estarmos situados em uma região de tantos desafios sociais.

INTRODUÇÃO

A arquidiocese de Olinda e Recife sedia um congresso eucarístico pela segunda vez. O III Congresso Eucarístico Nacional foi celebrado, em 1939, numa dolorosa época de guerra mundial. Como registram os anais daquele evento, vivia-se o Congresso Eucarístico Nacional com um olhar sofrido e solidário sobre a Europa. O XVIII Congresso Eucarístico Nacional foi adiado de 2020 para 2022, em razão da tragédia mundial da pandemia da Covid-19, que ainda tem registros preocupantes de casos diários de contaminações e mortes. Neste contexto, a humanidade está diante de outra atrocidade. Em fevereiro deste ano, ocorreu a invasão russa no território da Ucrânia, estendendo os horrores da guerra à população mundial, uma vez que seus efeitos não se restringem a limites territoriais específicos.

Diante desse quadro, meditar sobre a Eucaristia é tema desafiador, porque toca o mais profundo da fé da Igreja e, além disso, mexe com sensibilidades diversas. A Igreja particular de Olinda e Recife assumiu a missão de sediar o XVIII Congresso Eucarístico Nacional e o faz em novembro deste ano. Talvez nosso desafio maior seja expressar nosso amor à Eucaristia de modo que não se restrinja às grandes celebrações. Que esse Congresso e nosso modo de celebrar a ceia do Senhor sejam profecia da partilha e do

cuidado e possamos, assim, contribuir para que, conforme o tema do evento, haja “pão em todas as mesas”.

Não estamos em tempos de cristandade, e sim de uma Igreja em saída, com serviço amoroso à humanidade. Por isso, não desejamos um congresso que se notabilize pela grandiosidade ou apenas pelo esplendor de celebrações imponentes. O esforço maior deve ser suscitar, em nossa Igreja e na sociedade, o que, no LII Congresso Eucarístico em Budapeste, Hungria, o papa Francisco chamou de “cultura eucarística”, ao afirmar:

A celebração da Eucaristia torna-se incubadora das atitudes que geram uma cultura eucarística, porque impele a transformar em gestos e comportamentos de vida a graça de Cristo que se doou totalmente. [...] A Eucaristia é fonte que se traduz também em cultura eucarística, capaz de inspirar os homens e as mulheres de boa vontade nos âmbitos da caridade, da solidariedade, da paz, da família e do cuidado com a criação (MELO, 2021).

Para que nosso Congresso possa colaborar na realização dessa proposta do papa Francisco, é importante que nos disponhamos a uma conversão cada dia mais exigente. Sobre a ceia do Senhor, o apóstolo Paulo pede que “cada um se reveja e só assim tome do corpo e sangue do Cristo” (1Cor 11,28). Para

aprofundarmos esse assunto, somos convidados, à luz da fé e da palavra do Evangelho, a olhar para nossa realidade, a perscrutar o que, em relação a nossas celebrações eucarísticas e a nosso Congresso, o Espírito diz à Igreja e, finalmente, o que podemos fazer para obedecer à sua voz.

1. “ESTA MULTIDÃO NÃO TEM O QUE COMER” (MC 8,2)

Até hoje, ressoa para nós essa advertência de Jesus aos discípulos. Assim começou a partilha que ele lhes propôs, dando-lhes a tarefa de distribuir o alimento. Para contar esse episódio, os Evangelhos usam uma linguagem que nos remete à Eucaristia. Assim, vemos que, nas primeiras comunidades cristãs, a ceia do Senhor constituía proposta de partilha para solucionar a fome da multidão.

No Brasil atual, cada dia, pela manhã, em vários canais de televisão, há programas que mostram *maîtres* e chefes de cozinha preparando iguarias e ensinando as donas de casa de classe média a variar o cardápio do almoço. Esses programas exibem pratos de carne e de iguarias deliciosas. Para quem está bem nutrido, as imagens dão água na boca. No entanto, para muitos, parecem exercitar a crueldade, uma vez que a fome e a miséria são uma realidade para grande

parte do povo brasileiro. Um congresso eucarístico não pode parecer isso, como se estivéssemos indiferentes ao que se passa ao redor de nós, com uma multidão literalmente jogada nas ruas e praças e sem nada para comer.

Não podemos celebrar o Congresso como se ignorássemos essa realidade ou ela não nos interpelasse. São desafios importantes a serem enfrentados. O tema e o lema escolhidos para esse Congresso não nos deixam fugir ou adiar esse compromisso. E para cumpri-lo, não bastam atitudes voluntaristas desordenadas. É preciso nos colocar em sintonia e como que organizados junto com a sociedade civil que trilha a mesma busca e vive a mesma inquietação social (TEXTO-BASE, 2019, p. 16).

Conforme um dos mais recentes relatórios da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre segurança alimentar, em 2021, na América Latina, a fome alcançou um patamar que não se via há décadas. De acordo com a ONU, a América Latina foi a região na qual mais cresceu o número de pessoas em situação de insegurança alimentar. Em 2018, vários anos após termos conseguido superar essa tragédia, o Brasil voltou ao mapa da fome. A fome chega a ameaçar mais de 20 milhões de brasileiros (BELIK, 2022). Essa realidade não é consequência direta da crise que se abateu sobre o mundo com a



“NAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS, A CEIA DO SENHOR CONSTITUÍA PROPOSTA DE PARTILHA PARA SOLUCIONAR A FOME DA MULTIDÃO.”

pandemia. A pandemia a agravou, mas ela já vinha de antes e tem mais a ver com as decisões políticas que retiraram direitos sociais dos trabalhadores e fizeram mais que duplicar a desigualdade social em nosso país. Como seria bom se, a partir do nosso Congresso Eucarístico, irmãos no ministério e grupos católicos que apoiaram medidas causadoras de desigualdades sociais, cada vez mais cruéis, pudessem acolher o que nos ensinava o Servo de Deus dom Helder Camara:

Não podemos adorar o corpo do Cristo na Eucaristia se somos indiferentes ou coniventes com os mecanismos sociais que jogam o mesmo corpo de Cristo, que são os pobres, nas sarjetas do mundo. Nas horas de maior glorificação do Santíssimo Sacramento, peçamos a Cristo a graça de nos unir a todas as pessoas de boa vontade para lutar, de modo pacífico, mas corajoso, pela libertação dos oprimidos do mundo inteiro, ou melhor, pela libertação do Cristo, esmagado no íntimo dos sem-vez e dos sem-voz (CAMARA, 1977, p. 770).

A Eucaristia não é apenas o “sacramento da ceia”, mas da ceia aberta, na qual se reparte o alimento e a vida. Já nos anos 1950, o teólogo alemão Joachim Jeremias afirmava: “Onde não há justiça, não há Eucaristia [...]”. Isolar a Eucaristia desse referencial faz com que enchamos a celebração de gestos exteriores de respeito e adoração, mas a esvaziemos de seu significado de justiça, solidariedade e fraternidade” (JEREMIAS, 1981, p. 259, tradução nossa).

2. EUCARISTIA: ANTES DE TUDO, CEIA DO SENHOR E CEIA PARTILHADA

O Concílio Vaticano II nos convidou a retomar essa unidade entre o pão da Eucaristia e a comunidade fraterna. Ainda no século IV, Santo Agostinho insistia:

Sobre o culto à Santíssima Virgem na Igreja católica

São John Henry Newman



184 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

A presente obra consiste, em sua maior parte, em uma carta do padre John Henry Newman, escrita em 1865, ao doutor Pusey, um amigo anglicano, também integrante do Movimento de Oxford, bem como em outros textos do santo, incluídos nos Apêndices.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



“A EUCHARISTIA NÃO É APENAS O “SACRAMENTO DA CEIA”, MAS DA CEIA ABERTA, NA QUAL SE REPARTE O ALIMENTO E A VIDA.”

Queres compreender o que é o corpo de Cristo? Escuta o apóstolo dizer aos fiéis: “Vós sois o corpo de Cristo e seus membros”. Se, portanto, sois o corpo do Cristo e seus membros, é o próprio símbolo do que sois vós que repousa sobre a mesa do Senhor. É o próprio símbolo da vossa vida que recebeis. Respondeis “Amém” ao que vós mesmos sois. Escutas: “Corpo de Cristo” e respondes: “Amém”. Então, sê um membro do corpo do Cristo para que o teu amém seja verdadeiro (Sermão 272).

Apesar de ninguém, na Igreja, contestar essa verdade expressa por Santo Agostinho, sabemos que não é esse o aspecto que, até nossos dias, predomina na cultura paroquial ou cotidiana de nossas celebrações. Precisamos ainda aprofundar mais a relação entre o corpo eucarístico de Jesus, significado no pão, o corpo místico de Cristo, na comunidade eclesial, e o corpo social de Cristo, presente nos mais pobres e vulneráveis, tal como, na parábola do julgamento final, afirma o próprio Jesus: “O que fazeis a um dos pobres e pequenos em meu nome é a mim que fazeis” (Mt 25,31ss).

Na América Latina, em 1968, assim se expressa o documento de conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano:

Na tarefa da promoção humana e do desenvolvimento social, cabe ao sacerdote um papel específico e indispensável. Ele deve unir todo o esforço humano em uma

síntese vital com os valores propriamente religiosos (GS 43). Para isso, deve se esforçar pela palavra e pela ação apostólica, não só sua, mas da comunidade eclesial, para que todo trabalho social adquira seu pleno sentido de liturgia espiritual, incorporando-o de maneira vital na celebração da Eucaristia (CELAM, 2004 – Med 11; 18).

Documentos como esse afirmam que se deve promover a integração entre Eucaristia e realidade social, mas o desafio é explicar como fazê-lo. As conclusões de Medellín sugerem que tal integração ocorra “pela palavra e pela ação apostólica”, mas isso parece significar não algo intrínseco à liturgia, e sim algo de fora, que com ela se relacione. Esse trabalho é necessário. No entanto, de acordo com os pais da Igreja e com a sacramentalidade do gesto eucarístico, a própria forma de celebrar é que deveria significar essa profecia de um mundo transformado e de uma vida de partilha. Mesmo na obediência fiel ao rito romano e à tradição litúrgica, seria importante que encontrássemos formas para superar o que o papa Francisco denuncia como clericalismo e nossa própria maneira de celebrar se tornasse expressão coerente da palavra que pregamos e do gesto de partilha que desejamos fazer.

Na Carta Apostólica *Mane Nobiscum Domine* (n. 27), o papa João Paulo II afirma:

A Eucaristia não é expressão de comunhão apenas na vida da Igreja. É também projeto de solidariedade, em prol da humanidade inteira. Na celebração

eucarística, a Igreja renova continuamente sua consciência de ser “sinal e instrumento” não só da íntima união com Deus, mas também da unidade de todo o gênero humano. [...] O cristão, que participa na Eucaristia, dela aprende a tornar-se promotor de comunhão, de paz, de solidariedade, em todas as circunstâncias da vida. A imagem lacerada do nosso mundo, que começou o novo milênio com o espectro do terrorismo e a tragédia da guerra, desafia ainda mais fortemente os cristãos a viver a Eucaristia como grande escola de paz, onde se formem homens e mulheres que, nos vários níveis de responsabilidade na vida social, cultural, política, se fazem tecedores de diálogo e de comunhão.

O primeiro nome dado pela Igreja apostólica à Eucaristia foi *fração do pão*, ou seja, partilha (At 2,42-46). As primeiras comunidades cristãs davam a esses momentos eucarísticos o nome de “assembleia” (Igreja). No capítulo 11 da primeira carta aos Coríntios, Paulo afirma: “[...] quando vos reunis como Igreja, têm surgido dissensões entre vós” (v. 18). E conclui: “Assim, quando vos reunis, não é para comer a ceia do Senhor [...]” (v. 20). É no contexto dessa repreensão à comunidade cristã de Corinto que o apóstolo nos dá de presente a primeira narração da ceia de Jesus no Novo Testamento (1Cor 11,23-26). Ele faz essa narração para deixar claro que não acolher, na ceia, o irmão pobre ou excluído é não respeitar o corpo de Cristo (v. 18). Paulo havia denunciado que, ao se reunirem para a ceia do Senhor, os irmãos se dividiam: “Cada um se apressa a comer sua própria ceia e, enquanto um passa fome, outro se embriaga” (v. 21). Para o apóstolo, essa forma de proceder é insultar a Deus e comer indignamente o corpo e sangue do Senhor (v. 27-29). Na tradição, algumas vezes, interpretou-se o comer do pão e beber

Espiritualidade do ministro extraordinário da Sagrada Comunhão

Humberto Robson de Carvalho / Caio Henrique Esponton



232 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Este livro trata da espiritualidade do ministro extraordinário da Sagrada Comunhão, perpassada pela dinâmica do serviço, característica central da vida espiritual cristã. O ministério do serviço da Eucaristia conferido a leigos data dos primeiros séculos da Igreja.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

do cálice do Senhor indignamente como se fosse uma questão de falhas morais no nível pessoal. Na exortação *Amoris Laetitia*, o papa Francisco deixa claro que o apóstolo Paulo não se refere a problemas morais pessoais ou a situações irregulares das pessoas que se aproximam da Eucaristia. O papa comenta:

Em 1Cor 11,17-34, Paulo enfrenta uma situação vergonhosa da comunidade. Ali algumas pessoas acomodadas tendiam a discriminar os pobres, que ficavam sem ter o que comer. [...] Trata-se, pois, de discernir o corpo do Senhor, isto é, reconhecê-lo com fé e caridade, tanto nos sinais sacramentais como na comunidade. De outro modo, come-se e bebe-se a própria condenação (AL 185-186).

Diante disso, concordamos com dom Orlando Brandes, que afirma:

Para não celebrar indignamente, precisamos organizar o atendimento aos pobres, desestabilizar as estruturas injustas e viver um estilo de vida no qual a simplicidade e a sobriedade sejam visíveis. Na comunidade cristã, os pobres devem sentir-se como em sua casa. Sem essa forma de evangelização, o anúncio do Evangelho corre o risco de não ser compreendido. O cristão deve debruçar-se sobre a fome, o analfabetismo, as novas pobreza, a solidão, a marginalização, as drogas, a violência. É preciso decifrar o apelo que Cristo lança à nossa fé a partir do mundo da pobreza. A caridade hoje requer maior capacidade inventiva (BRANDES, 2006, p. 58).

3. A SINODALIDADE EUCARÍSTICA PARA ALÉM DO CONGRESSO

Em um mundo complexo como o nosso e diante dos problemas econômicos e sociais que vivemos, não se trata de montar estruturas de assistência social ou a Igreja se encarregar

de programas na linha do Fome Zero. Podemos e devemos colaborar com tais iniciativas, que competem ao governo e a toda a sociedade. No entanto, não basta transformar nossas comunidades em agências sociais de promoção humana. A dimensão social da Eucaristia como “projeto de solidariedade” se concretiza, principalmente, no cuidado para que nossas celebrações sejam realmente sacramentos, isto é, sejam assembleias de partilha e de comunhão humana. O mundo inteiro tem testemunhado como o papa Francisco nos tem dado o exemplo, ao despojar as cerimônias litúrgicas do Vaticano de um estilo barroco, que não ajudava a manifestar a Igreja pobre e servidora.

Em um mundo excludente, no qual os pequenos não têm vez, nossas celebrações têm de acentuar, cada vez mais, a acolhida dos excluídos, a participação de todos e todas na comunidade, e sinalizar a comunhão não apenas no altar, mas também na vida. Muitas Igrejas estão voltando ao costume antigo de transformar os momentos de celebração eucarística em eventos de partilha também econômica. Assim, é escandaloso constatar que, no Brasil, ainda haja ministros ordenados, religiosos(as) e leigos(as) que estranhem a prática litúrgico-pastoral da CNBB, desde 1964, de promover a Campanha da Fraternidade no período da Quaresma. Essa iniciativa, com seus temas sociais e o gesto concreto da coleta, dá veracidade e força à profecia da Eucaristia.

Conscientes da relação sacramental entre Eucaristia e partilha, decidimos, na fase preparatória dos trabalhos, deixar um marco concreto do XVIII Congresso Eucarístico Nacional, a CASA DO PÃO, para que seja um gesto da caridade social da família arquidiocesana. Com essa iniciativa, atentos ao apelo por “pão em todas as mesas” (tema do Congresso) e diante do testemunho da comunidade na era apostólica – “Repartiam o pão com alegria e não havia necessitados entre eles” (At 2,46 – lema) –, queremos

reescrever a edificante página dos Atos dos Apóstolos mediante a comunhão de sentimentos e a atitude dos primeiros cristãos. Localizada na rua do Imperador, no coração da cidade do Recife, onde reside grande quantidade de pessoas em situação de rua, a CASA DO PÃO terá a importante missão de congregar, escutar, valorizar e assistir os pobres na luta pela igualdade social e na defesa dos direitos humanos. Será uma nova diaconia arquidiocesana, que contará com a liderança de diáconos permanentes e o apoio das pastorais sociais, tendo como objetivos específicos evangelizar e promover.

Por muitas razões, é preciso voltar ao espírito da Igreja primitiva. Um documento do século III, chamado *Didascália dos apóstolos*, prescrevia como deveria ser a assembleia litúrgica da Eucaristia e, em situações concretas, como o bispo deveria agir: “Se entrar [na igreja] um pobre, seja homem ou mulher, de tal lugar ou de outra comunidade, sobretudo se é idoso e não há lugar para ele, então tu, ó bispo, com todo o teu coração, debes providenciar para que se encontre um lugar para ele, mesmo que tenhas tu de te sentar no chão” (FUNK, 1905, p. 168, tradução nossa).

Como encontramos no *Texto-base*, somos convidados a viver o Congresso Eucarístico com alegria eclesial, sabendo, porém, que a natureza profética da Eucaristia exige de todos nós um *modus vivendi* compatível com o Evangelho, neste mundo de desigualdades sociais: “Que a Eucaristia apresse o dia por nós esperado, de irmãos libertados de toda injustiça, de todo pecado”. No Congresso de 1939, o povo cantou: “E o Recife se fez, lado a lado, catedral onde reza o Brasil”. Em 2020, na “terra dos altos coqueiros”, nós cantaremos: “E seremos Igreja em saída, pelo amor aos irmãos, na Eucaristia”. Com as palavras do poeta, sonhamos: “Pão em todas as mesas, da Páscoa nova a certeza, a festa haverá e o povo a cantar, aleluia!” (TEXTO-BASE, 2019, p. 147).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELIK, Walter. Volta do Brasil ao Mapa da Fome é retrocesso inédito no mundo. [Entrevista cedida a] Suzana Petropouleas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 jan. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/01/volta-do-brasil-ao-mapa-da-fome-e-retrocesso-inedito-no-mundo-diz-economista.shtml>. Acesso em: 15 jun. 2022.
- BRANDES, Orlando. Eucaristia e amor social: os pobres e a fome. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, fasc. 44, ano 21, n. 2, p. 55ss, 2006.
- CAMARA, Helder. O pão da vida e a sub-vida no mundo. *Sedoc*, Petrópolis, n. 9, p. 769-770, 1977.
- CELAM. *Documentos do Celam*. São Paulo: Paulus, 2004.
- FRANCISCO, Papa. *Amoris Laetitia*: Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre o amor na família. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Acesso em: 15 jun. 2022.
- FUNK, F. X. (ed.). *Didascalia et Constitutiones Apostolorum*. Paderbonae: Libreria Ferdinandi Schoeningh, 1905. v. II, 58,6. p. 168.
- JEREMIAS, J. *Abba*: el mensaje central del Nuevo Testamento. Salamanca: Sígueme, 1981. p. 259.
- JOÃO PAULO II. *Mane Nobiscum Domine*: Carta Apostólica para o Ano da Eucaristia. São Paulo: Paulinas, 2005.
- MELO, Miguel Pedro. Por uma cultura eucarística. *Ponto SJ*, Lisboa, 22 set. 2021. Disponível em: <https://pontosj.pt/especial/por-uma-cultura-eucaristica/>. Acesso em: 15 jun. 2022.
- TEXTO-BASE do XVIII Congresso Eucarístico Nacional. São Paulo: Paulus: Paulinas, 2019.

*Pe. Moisés Ferreira de Lima é presbítero da arquidiocese de Olinda e Recife, presidente da Comissão Arquidiocesana de Pastoral para a Liturgia e membro da Comissão Executiva do XVIII Congresso Eucarístico Nacional. E-mail: pe.moiseslima@hotmail.com

CONGRESSO EUCARÍSTICO: história da fé no mistério da Eucaristia



Este artigo apresenta breve síntese das origens e da história dos congressos eucarísticos, com o objetivo de fazer memória de sua celebração como testemunho da fé no mistério da Eucaristia e de compromisso eclesial e social.





“Na celebração da Eucaristia, em que se glorifica o Pai pelo Filho no Espírito, temos a manifestação da Igreja como corpo místico, como povo que crê e peregrina à luz da fé.”

Introdução

A ideia de congresso eucarístico nasceu na segunda metade do século XIX, na França. Sua gênese vincula-se ao contexto do jansenismo (que ensinava que a humanidade decaída não merecia receber a Eucaristia, sendo ela prêmio dos perfeitos) e do ateísmo militante. A iniciativa do “congresso” teve como objetivo principal a renovação da piedade eucarística por meio do culto de adoração e da afirmação da presença real de Cristo na Eucaristia.

Inspirada no apostolado eucarístico de São Pedro Julião Eymard, Émilie-Marie Tamisier (1834-1910) promoveu peregrinações de reparação aos santuários que recebiam os testemunhos dos milagres eucarísticos. Com o apoio do papa Leão XIII e o empenho apostólico de Émilie-Marie, de São Pedro Julião e de outras figuras importantes da época, as peregrinações eucarísticas foram transformando-se nos congressos de obras eucarísticas, que depois ficaram conhecidos como congressos eucarísticos.

Para a realização do primeiro Congresso Eucarístico no ano de 1881, em Lille, já havia sido constituída a Comissão para os

Congressos Eucarísticos, com a bênção do papa Leão XIII, em 27 de agosto de 1879. Essa comissão é a responsável pela promoção das celebrações periódicas dos congressos eucarísticos. Do primeiro até os dias atuais, a comissão já promoveu 52 congressos. Sob o papa São João Paulo II, a comissão recebeu o título de “pontifícia”, passando a chamar-se Pontifícia Comissão para os Congressos Eucarísticos.

No pontificado do papa Pio X, além de conservar o caráter da manifestação pública da fé católica na Eucaristia, os congressos serviram para favorecer a consciência da comunhão frequente e até cotidiana (cf. decreto *Sacra Tridentina Synodus*, de 1905) e a administração da primeira comunhão a crianças, antecipada para a idade de 7 anos pelo decreto *Quam Singulari*, de 1910.

Com o pontificado de Pio XI, os congressos passam a ser celebrados rotativamente em todos os continentes e adquirem uma dimensão missionária e de evangelização. No contexto do pós-guerra, só voltam a ser celebrados no ano de 1952, em Barcelona. Esse período da história conta também com a efervescência do movimento eucarístico e do movimento litúrgico, que ajudaram a exprimir o espírito da liturgia, na qual a piedade eucarística é orientada para a celebração.

1. Congresso Eucarístico, povo que peregrina à luz da fé na Eucaristia

Com os Congressos do Rio de Janeiro (1956) e, sobretudo, de Munique da Baviera (1960), é integrada, de modo sábio, a piedade devocional típica do século XIX à renovação litúrgica contemporânea, e assim os congressos eucarísticos internacionais passam a ser conhecidos como *statio orbis*, tendo a celebração eucarística como ápice e centro de todo congresso. Trata-se de uma espécie de festa oficial da Igreja, e a Eucaristia celebrada pelo legado pontifício, para toda a Igreja,

constitui um resgate da antiga *statio urbis* da Igreja romana, em que o papa, para expressar a unidade da diocese, celebrava a Eucaristia em diversas igrejas (JUNGSMANN, 1959, p. 401-402).

Na celebração da Eucaristia, em que se glorifica o Pai pelo Filho no Espírito, temos a manifestação da Igreja como corpo místico, como povo que crê e peregrina à luz da fé. Nesse sentido, o congresso eucarístico expressa a peregrinação do povo em direção ao altar da Eucaristia. Retomando essa ideia, o ritual romano *A Sagrada Comunhão e o Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa* assim descreve o que são os congressos eucarísticos:

Os congressos eucarísticos, introduzidos em época mais recente como manifestação do culto eucarístico na vida da Igreja, devem ser considerados como um lugar (*statio*) para o qual uma comunidade convivia toda a Igreja local, ou uma Igreja local, as outras igrejas de uma região ou país, ou mesmo de todo o mundo para aprofundarem em conjunto algum aspecto do mistério da Eucaristia, prestando-lhe um culto público no vínculo da caridade e da unidade (A SAGRADA..., 2000, n. 109, p. 63).

Com base nessa compreensão dos congressos eucarísticos, ressalta-se que o sacrifício eucarístico é a fonte e ápice de todo culto da Igreja e de toda a vida cristã (SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, 2003, n. 3, p. 8), de modo que o culto eucarístico fora da missa e toda manifestação de piedade para com o Santíssimo Sacramento decorrem da Eucaristia celebrada e devem mover os fiéis a participar do mistério pascal de Cristo. Por isso, um critério fundamental na organização dos congressos eucarísticos é que a celebração da Eucaristia seja realmente o centro e o ápice para onde devem orientar-se todas

as iniciativas, bem como as diversas formas de piedade (A SAGRADA..., 2000, n. 112, p. 64).

A partir do Concílio Vaticano II, com a constituição *Sacrosanctum Concilium*, de 1963, a instrução *Eucharisticum Mysterium*, de 1963, e o ritual *A Sagrada Comunhão e o Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa*, de 1973, inicia-se uma abertura às temáticas tratadas nos Congressos Eucarísticos relacionadas aos problemas da atualidade, bem como ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso.

Dessa forma, percebe-se que o congresso eucarístico consiste não em um evento de caráter privado, mas sim em uma dupla dimensão da celebração eucarística como ponto culminante de todo o evento e no aspecto social da Eucaristia como consequência da “fé que age pela caridade”.¹

2. Congressos Eucarísticos no Brasil

Depois do Congresso Eucarístico Internacional de Lourdes (1914), surgiu a ideia de que os congressos eucarísticos internacionais fossem precedidos por congressos nacionais, diocesanos e até paroquiais. Sob essas motivações, no contexto da iniciativa dos bispos do Brasil de promover grandes eventos para arregimentar a massa católica (VIEIRA, 2016, p. 245), destacaram-se os congressos eucarísticos nacionais. Foi realizado, assim, o I Congresso Eucarístico Nacional em 1933, na cidade de Salvador, com o tema: “Vinde, adoremos o Santíssimo Sacramento”.

O Primeiro Congresso, em 1933, “sobre os mares azuis da Bahia”, foi uma recapitulação de nossa história cristã, desde frei Henrique Soares de Coimbra até dom Augusto Álvaro da Silva; desde a

¹ Expressão contida na oração de preparação para o XVIII Congresso Eucarístico Nacional.



primeira missa, nas praias virgens da Ca-brália, até o triunfal cortejo eucarístico, da ermida histórica da Graça aos portais magníficos da Conceição da Praia, na veneranda metrópole do Salvador (CEN, 3., 1940, p. 87).

Em 1936, o II Congresso, “sob o altar das montanhas de Minas, foi como um grito augusto, partido dos seios mais profundos das minas onde dormem filões de ouro e donde brotam caudais de fé”, clamando pelo advento do Reino de Deus mediante o apostolado “urgente e insubstituível da Ação Católica” (*ibidem*). Esse Congresso Eucarístico Nacional, com o tema “Eucaristia, luz e vida”, esteve marcado pela consolidação dos fiéis leigos na sociedade e por sua colaboração com a hierarquia da Igreja, especialmente por meio da Ação Católica, organização leiga aprovada pelo papa Pio X, em 1905, na encíclica *Ubi Arcano Dei Consilio*. Recorde-se que, no ano anterior, teve início oficialmente a Ação Católica no Brasil pelo mandamento dos bispos brasileiros (em 9 de julho de 1935), o qual apresentava, como seu fim último, “dilatar e consolidar o Reino de Jesus Cristo” e, como seu fim próximo, “a formação e o apostolado dos católicos leigos” (VIEIRA, 2016, p. 254).

O III Congresso Eucarístico Nacional, com o tema “A Eucaristia e a vida cristã”, ocorreu na cidade do Recife em 1939, ano em que começou a Segunda Guerra Mundial: “Aos clarins do congresso sagrado, Pernambuco se ergueu varonil e o Recife se fez, lado a lado, catedral onde reza o Brasil”. Em sua carta pastoral, o arcebispo

“O congresso eucarístico consiste não em um evento de caráter privado, mas sim em uma dupla dimensão da celebração eucarística como ponto culminante de todo o evento e no aspecto social da Eucaristia.”

de Olinda e Recife, dom Miguel de Lima Valverde (1872–1951), com entusiasmo, assim motivava o clero e os fiéis de sua arquidiocese: “Um congresso eucarístico, filhos diletíssimos, é uma assembleia de fiéis que se reúnem para tributar a nosso Senhor sacramentado as homenagens mais expressivas de sua fé, de sua esperança e de seu amor” (CEN, 3., 1940, p. 16). Ele propunha a cooperação de todos pela prece, pela ação, pela contribuição pecuniária, mas sobretudo pela preparação espiritual, realizada por meio do culto eucarístico.

Ainda no contexto da Segunda Grande Guerra, aconteceu o IV Congresso Eucarístico Nacional, em 1942, em São Paulo, com o tema “Vinde a mim todos”, sob a responsabilidade de dom José Gaspar de Afonseca e Silva (1901–1943). Mais uma vez, o evento constituiu uma proclamação de unidade cívico-religiosa diante da relativização do papel da Igreja e do processo de laicização da sociedade brasileira (KUHN, 2017, p. 13).

Os demais Congressos Eucarísticos Nacionais (CENs) apresentaram temas que estabeleceram relações entre ação social e evangelização e a fé na Eucaristia, sobretudo depois do Concílio Vaticano II, das



Conferências do Episcopado Latino-americano e do magistério recente da Igreja:

- V CEN: Porto Alegre, de 28 a 31 de agosto de 1948 – Eucaristia e ação social;
- VI CEN: Belém, de 12 a 16 de agosto de 1953 – A Sagrada Eucaristia, sacramento da unidade da comunidade;
- VII CEN: Curitiba, de 5 a 8 de maio de 1960 – Eucaristia, luz e vida do mundo;
- VIII CEN: Brasília, de 27 a 31 de maio de 1970 – A mesa do Senhor;
- IX CEN: Manaus, de 16 a 21 de julho de 1975 – Repartir o pão;
- X CEN: Fortaleza, de 9 a 13 de julho de 1980 – Para onde vais?;
- XI CEN: Aparecida, de 16 a 21 de julho de 1985 – Pão para quem tem fome;
- XII CEN: Natal, de 6 a 13 de outubro de 1991 – Eucaristia e evangelização;
- XIII CEN: Vitória, de 7 a 14 de julho de 1996 – Eucaristia, vida para a Igreja;
- XIV CEN: Campinas, de 19 a 22 de julho de 2001 – Eucaristia, fonte da missão e da vida solidária;
- XV CEN: Florianópolis, de 18 a 21 de maio de 2006 – Ele está no meio de nós!;
- XVI CEN: Brasília, de 13 a 16 de maio de 2010 – Eucaristia, pão da unidade dos discípulos missionários;
- XVII CEN: Belém, de 15 a 21 de agosto de 2016 – Eucaristia e partilha na Amazônia missionária.

3. Em Recife, mais um congresso eucarístico nacional

O III Congresso Eucarístico Nacional marcou profundamente a fé dos pernambucanos. Mesmo as gerações mais novas, de uma forma ou de outra, quer mediante os relatos dos antepassados, quer mediante a leitura dos anais do evento, sabem da grandiosidade dessa manifestação de fé, ocorrida em 1939. Em 2017, pôde a arquidiocese de Olinda e Recife receber a notícia de que o XVIII Congresso Eucarístico seria celebrado, pela segunda vez, na “Veneza brasileira”.

O anúncio da sede desse congresso não foi feito logo após o término do XVII Congresso Eucarístico Nacional, realizado na arquidiocese de Belém entre os dias 15 e 21 de agosto de 2016. A LV Assembleia Geral Ordinária da CNBB, realizada em Aparecida de 26 de abril a 5 de maio de 2017, foi a ocasião em que se tratou da cidade-sede do próximo congresso. Na ata n. 4 do dia 29 de abril, no número 17, lê-se:

Dom Fernando Saburido comentou o pedido feito pelo regional NE 2 de que Recife aceitasse o convite para sediar o próximo Congresso Eucarístico Nacional. E, apesar dos temores quanto ao custo e a necessidade de recursos humanos, e com o apoio e incentivo do regional, a arquidiocese aceita, com alegria, a possibilidade de sediar o próximo Congresso Eucarístico (CNBB, n. 17, p. 79).

Dom Leonardo Steiner, então secretário-geral da CNBB, pôs em votação a candidatura da arquidiocese de Olinda e Recife

para sediar o próximo Congresso Eucarístico Nacional, a qual foi aprovada, por unanimidade, por todos os presentes (*ibidem*, n. 19, p. 79).

Desde que foi aprovada a sede do XVIII Congresso Eucarístico Nacional, Olinda e Recife vêm preparando-se para essa grande celebração. Em 15 de novembro de 2019, deu-se a abertura do Ano Eucarístico em Recife, com celebração eucarística presidida pelo então presidente da CNBB, dom Sergio da Rocha, e concelebrada pelos bispos do regional NE 2. Em razão da pandemia da Covid-19, o evento teve de ser adiado duas vezes. Em 14 de novembro de 2021, Dia Mundial dos Pobres, o arcebispo do Rio de Janeiro, dom Orani João Tempesta, presidiu, no centro da cidade do Recife, a celebração da Eucaristia para relançamento do Congresso Eucarístico. Com base no tema escolhido – “Pão em todas as mesas” –, esse congresso, celebrado na região Nordeste do Brasil, marcada por tantas desigualdades sociais, que foram ainda mais acentuadas pela crise pandêmica, quer levar à conscientização de que a Eucaristia nos compromete com os mais pobres (CATECISMO..., 2000, n. 1397, p. 387).

“O sacrifício eucarístico é a fonte e ápice de todo culto da Igreja e de toda a vida cristã.”

Considerações finais

Com esse olhar sobre a história dos congressos eucarísticos, podemos obter luzes para viver o XVIII Congresso Eucarístico Nacional como uma oportunidade de renovação da fé no mistério da Eucaristia e do compromisso social e missionário da Igreja no Brasil, como bem expressa a oração oficial de preparação para o Congresso, a qual condensa a teologia e a reflexão sobre a Eucaristia e suas dimensões na vida eclesial e social: dirigida a Cristo presente na Eucaristia, o qual é invocado como o Salvador do mundo, titular da Sé de Olinda, faz memória bíblica do pão com o qual o povo da Antiga e da Nova Aliança é saciado. Reafirma a fé da Igreja na Eucaristia como memorial da Páscoa do Senhor e pede que, com base na Eucaristia celebrada e na adoração da presença eucarística de Cristo, a fé aja pela caridade, ao fazermos a opção evangélica pelos pobres, para que o testemunho dos primeiros cristãos seja seguido pela Igreja de hoje no anúncio alegre do Evangelho.

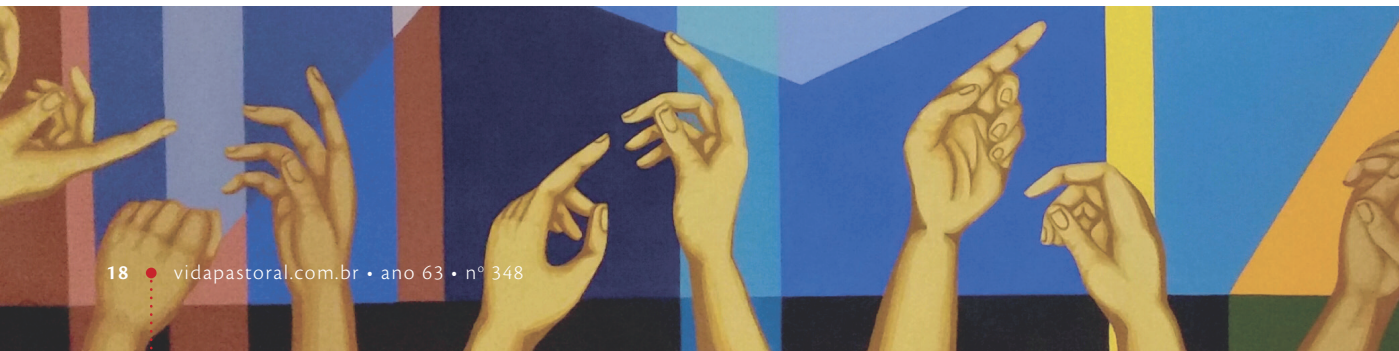
vp

Referências bibliográficas

A SAGRADA Comunhão e o Culto Eucarístico fora da Missa. São Paulo: Paulus, 2000.

CATECISMO da Igreja católica: edição típica vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Ata n. 4, 55ª Assembleia Geral Ordinária. *Comunicado Mensal*, Brasília, n. 687, p. 79, 2017.



CONGRESSI EUCARISTICI. In: CATHOPEDIA: l'enciclopedia cattolica. Disponível em: https://it.cathopedia.org/wiki/Congressi_Eucaristici. Acesso em: 22 fev. 2022.

CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL (CEN), 3., 1940, Recife. *Anais...* Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, 1940.

JUNGSMANN, Joseph A. Corpus Mysticum. Gedanken zum kommenden Eucharistischen Weltkongress. *Stimmen der Zeit*, n. 164, p. 401-409, 1959.

KUHN, João Carlos Santos. São Paulo, metrópole católica: IV Congresso Eucarístico Nacional em São Paulo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017, Brasília. *Anais...* Brasília: Anpuh, 2017. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/35-snh29>. Acesso em: 17 fev. 2022.

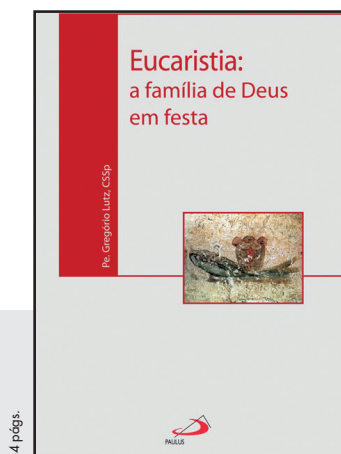
PONTIFÍCIO CONSELHO PARA OS CONGRESSOS EUCARÍSTICOS INTERNACIONAIS. *Os congressos eucarísticos internacionais*. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pont_committees/eucharistcongr/documents/rc_committ_euchar_doc_20030409_intern-euch-congresses_po.html. Acesso em: 17 fev. 2022.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. *Eucharisticum Mysterium*: Instrução sobre o mistério eucarístico. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

VIEIRA, Dilermando Ramos. *História do catolicismo no Brasil*. Aparecida: Santuário, 2016. v. 2.

Eucaristia: a família de Deus em festa

Padre Gregório Lutz, CSSp



O livro ajuda o leitor a compreender os mistérios da santa missa e celebrá-la com profundidade. Além disso, conta com dois apêndices: no primeiro, o autor elucida as partes da Santa Comunhão, sua sequência e seu sentido; no segundo, mostra as partes da celebração (Abertura, Liturgia da Palavra, Liturgia Eucarística e Ritos Finais) e os momentos de cada uma delas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



Danilo César* e Penha Carpanedo**

*Danilo César, presbítero da arquidiocese de Belo Horizonte, liturgista formado pelo Instituto Litúrgico Santo Anselmo (Roma) e doutorando pela Faje/Capes (BH). Professor de Liturgia na PUC Minas, no Ista, na Unisal e na Facasc. Membro do Secretariado Arquidiocesano de Liturgia. Membro da Rede Celebra de animação litúrgica. E-mail: danidevictor@gmail.com

**Maria da Penha Carpanedo, religiosa da Congregação Discípulas do Divino Mestre, mestra em Liturgia, membro da Rede Celebra de animação litúrgica. E-mail: penhacarpanedo@hotmail.com



EUCARISTIA, CEIA MEMORIAL E FESTIVA: DA RITUALIDADE AO MISTÉRIO

O texto, uma reflexão acerca da Eucaristia como sacramento central da vida eclesial, discute certas distorções quanto à vivência deste sacramento, o qual, historicamente, se distanciou de sua compreensão litúrgica, com base em fortes influxos dogmáticos e canônicos. Graças ao Concílio Vaticano II, a teologia eucarística pôde voltar às fontes litúrgicas, bíblicas e patrísticas, recuperando seu sentido comunitário, celebrativo e escriturístico.

INTRODUÇÃO

A Eucaristia é o sacramento central da vida eclesial. Contudo, essa valorização decorre de intensa dogmatização de seu significado, processo que acarretou alguns efeitos, como o devocionismo eucarístico, o clericalismo e o cerimonialismo, que enquadram a Eucaristia num tipo de compreensão e a distanciam de seu fundamento: ser ação memorial da Páscoa do Senhor, realizada em comunidade, na forma de uma ceia festiva. Historicamente, a Eucaristia se distanciou de sua compreensão litúrgica, o que se deu sob fortes influxos dogmáticos e canônicos (BOURGEOIS, 2005, p. 55-58). Nesse esquema, a hipervalorização da tríade “matéria, forma e ministro” enfraqueceu o valor da assembleia. Bastando o ministro, a assembleia perdeu o acesso ao sacramento, a ponto de já não comungar, ficando confinada às devoções e à adoração das espécies. O evento da morte e ressurreição do Senhor, eixo da fé cristã, foi obscurecido pela teologia da presença real, que obteve notável desenvolvimento após o período medieval. A teologia sacrificial, posterior ao Concílio de Trento, recebeu enorme difusão, mas sem as necessárias peias da noção memorial, já firmada desde Trento.

Graças ao Concílio Vaticano II, a teologia eucarística pôde voltar às fontes litúrgicas, bíblicas e patrísticas, recuperando seu sentido comunitário, celebrativo e escriturístico. A grande intuição da reforma litúrgica a respeito da Eucaristia foi voltar à simplicidade evangélica: aos gestos e palavras de Jesus na última ceia, que constituem o memorial. Urge recuperar o sentido celebrativo (festivo) desse sacramento, devolvendo-lhe as feições originais.

1. “FAÇAM ISTO”: OS GESTOS DE UMA FESTA

A reforma do rito da missa (*Ordo Missae*) dispôs mimeticamente o rito eucarístico em unidades rituais que correspondem aos gestos e palavras de Cristo na última ceia: o rito de apresentação das oferendas evoca seu gesto de tomar o pão e o cálice; a oração eucarística corresponde à sua ação de graças; a fração do pão e a comunhão, ao próprio ato de partir e repartir entre os discípulos (*Instrução Geral do Missal Romano* – IGMR –, n. 72). A Igreja cumpre, assim, o mandamento: “Façam isto como meu memorial” (Lc 22,19). Essas “unidades rituais” superam séculos de uma visão focada na narrativa da instituição – considerada exclusivamente



“GRAÇAS AO CONCÍLIO VATICANO II, A TEOLOGIA EUCARÍSTICA PÔDE VOLTAR ÀS FONTES LITÚRGICAS, BÍBLICAS E PATRÍSTICAS, RECUPERANDO SEU SENTIDO COMUNITÁRIO, CELEBRATIVO E ESCRITURÍSTICO.”

como consagração.¹ Recupera-se a noção de memorial, uma visão mais bíblica, patristica, litúrgica e orgânica da ceia, sem descartar o elemento dogmático da presença real.

Cinco são as hipóteses que tentam explicar qual teria sido o rito judaico no qual se deu a última ceia de Jesus (PENNA, 2018, p. 23-27). A mais aceita é a de que a última ceia tenha sido uma ceia pascal, como aparece no relato de Lucas: “Desejei ardentemente comer esta Páscoa com vocês” (Lc 22,15). Trata-se da Páscoa hebraica, que tantas vezes Jesus já havia celebrado com sua família, com os discípulos, ou em Jerusalém. A ceia remonta a Ex 12,1-14, que narra o ritual pascal da saída do Egito, da terra da escravidão. Celebrado de forma solene em família, com traços de intimidade, fantasia e evocações da história da salvação – diversamente da sinagoga, onde era celebrado de modo austero e conciso (DI SANTE, 2004, p. 218) –, o rito incluía o cordeiro, os pães sem fermento e as ervas amargas, sinais antecipatórios do evento da libertação. A ordem de iteração, ao final da perícopes (v. 14), determina que os judeus das gerações futuras o celebrem sempre, para que possam participar do evento salvífico. Mas traz um elemento que faz compreender que a festa é parte da estrutura memorial: “Este dia será para vós um memorial, e o celebrareis como

uma festa [*hag* (hebraico); *heortèn* (LXX)] para o Senhor; nas vossas gerações a festejareis; é um decreto perpétuo”.

A sucessão ritual dessa narrativa é o *seder* (ordem) pascal, “o mais sugestivo, alegre e inesquecível de todos os ritos familiares do judaísmo. [...] E consiste na participação de uma refeição simbólica [...] na qual cada elemento lembra um aspecto da noite, na qual Deus [...] tirou o povo do Egito e o introduziu na Terra Prometida” (DI SANTE, 2004, p. 177). O cordeiro lembra que, no Egito, o anjo exterminador passou adiante das casas dos israelitas – donde deriva o termo Páscoa –, livrando o povo hebreu da morte dos primogênitos. Os pães ázimos lembram que os pais, na pressa da saída, não tiveram tempo de deixar a massa fermentar. As ervas amargas recordam que os egípcios amarguraram a vida dos pais, no Egito. O vinho lembra o dever de agradecer àquele que tirou o povo da escravidão do Egito e o fez passar da submissão à liberdade, da dor à alegria (DI SANTE, 2004, p. 181-182).

Às vésperas da sua paixão, Jesus realiza com seus amigos uma ceia pascal, com toda carga de significado que ela tem, incluindo seu caráter pascal festivo (Mc 14,26). Ele se põe no lugar do servo que providencia que seus convidados se alegrem à mesa. Entre os discípulos, a conversa gira em torno do poder, mas Jesus ensina o serviço à mesa como sinal do Reino (Lc 22,24-30). Ele a ressignifica, com suas palavras e seus gestos serviais, em vista do acontecimento iminente da sua morte e ressurreição. No pão

¹ O *Catecismo da Igreja Católica* considera como consagração a epiclesse sobre os dons e a narrativa institucional, aproximando a teologia católica de uma compreensão mais ecumênica (CalC 105-107.1375, 1993, p. 272.329).

e no vinho, entrega-se a si mesmo, antecipando simbolicamente sua doação na cruz. Nas palavras de Pikaza e Haya:

Jesus se prepara para morrer em um contexto de festa de ação de graças pela vida, simbolizada no vinho, evocado aqui com uma fórmula solene (“o fruto da videira”). Com isso, ele coloca seu destino a serviço da vinha de Deus, ou seja, da vida do povo israelita, e da chegada do Reino para todos os povos (cf. Mc 12,1-2). Com vinho deste mundo velho, na festa de sua entrega-despedida, ele promete a seus amigos o vinho novo do Reino, em palavras que evocam o “triunfo de Deus”, sua vitória definitiva, acima de todos os possíveis fracassos (PIKAZA; HAYA, 2018, p. 278, tradução nossa).

No primeiro relato da última ceia, Paulo está centrado nas palavras e gestos de Jesus e no modo equivocado como a comunidade está celebrando a ceia do Senhor, evidenciando completa glotoneria e indiferença em relação aos pobres (1Cor 11,23-25). Celebrar a Eucaristia é fazer o que Jesus fez, comer e beber juntos, servindo uns aos outros e esperando uns pelos outros (1Cor 11,33). São os gestos e palavras do Senhor na última ceia que estruturam a ceia eucarística das gerações sucessivas, as quais haverão de participar, por ela, de sua morte e ressurreição. O alimento espiritual, tomado conjuntamente, fortalece a relação fraterna da comunidade, no serviço e na unidade que o pão partilhado evoca (1Cor 10,16-17).

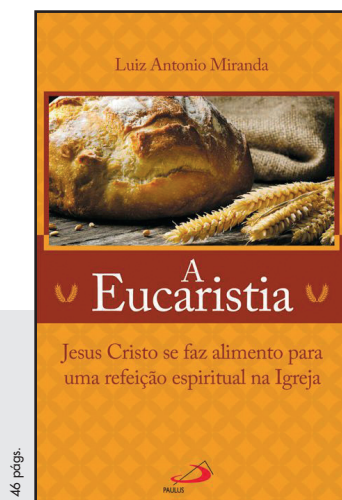
2. EM MEMÓRIA DE MIM

A ceia de Jesus é memorial porque, ao repeti-la, recorda-se o profundo significado que Jesus conferiu ao gesto de partir o pão e de entregá-lo aos discípulos, juntamente com o cálice, às vésperas de sua paixão (LENAERS, 2014, p. 240). Não se trata de um exercício mental ou psicológico, mas de um rito que,

A Eucaristia

Jesus Cristo se faz alimento para uma refeição espiritual na Igreja

Luiz Antonio Miranda



146 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este trabalho teológico, bíblico e sacramental é resultado de anos de estudo e meditação. O autor deseja que este livro seja também companheiro espiritual de todos aqueles que têm como meta refletir sobre o sacramento eucarístico e rezá-lo.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

por sua virtude, conecta os participantes ao fato comemorado. Ao celebrar a ceia, os convidados se tornam presentes, em mistério, ao evento fundador, sendo transportados pelos sinais à passagem do mar Vermelho, como acontecimento histórico que já não pode repetir-se. A ceia pascal judaica (Ex 12,14) ilumina a Eucaristia como a Páscoa cristã. Não há diferença entre comer o cordeiro, o ázimo e a erva amarga daquela última ceia no Egito e comer os mesmos elementos da Páscoa atual. De acordo com Taborda (2015, p. 73), essa perspectiva da ceia judaica esclarece o sentido da Eucaristia como memorial da Páscoa de Jesus. Nas palavras desse autor:

Nos sinais do pão e do vinho deixados por Jesus, nós nos tornamos hoje contemporâneos do evento redentor da morte e ressurreição do Senhor. Em mistério participamos do acontecimento histórico único e irrepetível que trouxe a redenção para a humanidade. Por esse pão e esse vinho sobre os quais se pronunciou o memorial de ação de graças e para os quais se suplicou a vinda do Espírito Santo, somos realmente transportados na fé ao evento fundador e nos tornamos participantes dele. Também nós podemos dizer: este pão que agora partimos é aquele que Jesus partiu significando profeticamente seu corpo entregue por nós; este vinho que está agora aqui no cálice é aquele vinho que Jesus bebeu na última ceia anunciando profeticamente o seu sangue derramado (TABORDA, 2015, p. 74).

Eis por que, no coração da prece eucarística, foi introduzida pela reforma pós-conciliar uma aclamação, situada logo depois do relato institucional, a ser alegremente cantada pela assembleia: “Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos, Senhor, a vossa morte, enquanto esperamos a vossa vinda” (cf. 1Cor 11,26).

Trata-se aqui de um anúncio litúrgico-comunitário, não apenas verbal, mas unindo gestos e palavras. Aclamar significa afirmar, sentenciosa e efusivamente, uma verdade. Os corpos, de pé, evocam a firmeza e a importância da sentença – esse é um ato solene. Contudo, o rito foi enfraquecido pelo influxo dogmático e devocional: muitos ainda permanecem de joelhos – respaldados por normas confusas do Missal (IGMR 42-44). Há que se perguntar, neste ponto: o que prescrições como essas guardam de clericalismo? Como resposta, poderíamos dizer: uma ceia íntima e festiva desnaturada em cerimônia formalista; gestos proféticos e domésticos de serviço, que denunciam a sedução do poder, transformados em atos sacrificais hieráticos; convidados ao banquete transformados em abstinentes adoradores; altares monumentais elevados e distanciados do povo; ministros “sacerdotalizados” e destacados do corpo eclesial... Que Igreja nasce daí?

O inciso “(eis o) mistério da fé”, que antecede a aclamação, é tirado de 1Tm 3,9.16: “Guardem o mistério da fé”; “Grande é o

“ÀS VÉSPERAS DA SUA PAIXÃO,
JESUS REALIZA COM SEUS
AMIGOS UMA CEIA PASCAL,
COM TODA CARGA DE
SIGNIFICADO QUE ELA TEM,
INCLUINDO SEU CARÁTER
PASCAL FESTIVO.”



mistério da fé”. O mistério é o evento da morte e ressurreição do Senhor, evento englobante que abarca toda a vida do Servo neste mundo e sua glorificação, conforme o demonstra o antiquíssimo hino onde está inserido esse inciso (BUYST, 2005, p. 25).

3. PARA UM DIA FESTIVO, UMA CEIA FESTIVA

O domingo apoia-se na mística do sábado judaico, o *Shabat*. Para os judeus, a prescrição sabática envolve o gozo, o deleite, a beleza e o prazer (HESCHEL, 2000, p. 32-35), elementos próprios da festa (PEREZ, 2002, p. 15-58). Depois da ressurreição, os discípulos e discípulas reuniam-se para celebrar, no primeiro dia da semana, em memória do Crucificado-Ressuscitado. Três passagens do Novo Testamento, citadas na Carta Apostólica *Dies Domini*, n. 21 (JOÃO PAULO II, 1998, p. 21), atestam esse fato.

Os três textos bíblicos citados evocam, de maneira mais ou menos explícita, a ligação do domingo com o *serviço*, a *liturgia* e o *testemunho*, como obras da fé celebradas na Eucaristia. A primeira carta aos Coríntios (16,1-2) trata da coleta fraterna em favor da comunidade de Jerusalém, evocando o serviço. Os Atos dos Apóstolos narram uma Eucaristia, celebrada no dia do Senhor, em Trôade (20,7-12). O Apocalipse fala de uma visão do apóstolo no dia do Senhor, à qual se segue a ordem de escrever às Igrejas da Ásia Menor (1,10-11). A liturgia é o lugar originante do serviço e do testemunho: o agir e a vida cristã decorrem da experiência celebrativa do mistério pascal de Cristo.

A descrição extrabíblica mais antiga da ceia dominical dos cristãos está na *I Apologia* de Justino (†165). O domingo era celebrado como festa pascal semanal, em memória da ressurreição de Cristo: “É no dia do sol que juntos nos reunimos, porque este dia foi o primeiro, no qual Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo, este no qual

Orientações para ministros extraordinários da comunhão

Valter Maurício Goedert



224 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro reúne a experiência de quinze anos de cursos de formação para ministros extraordinários da Sagrada Comunhão. Faz um histórico desse ministério, trata da celebração da Eucaristia, de celebrações feitas por leigos e da pastoral dos enfermos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

“A LITURGIA É O LUGAR ORIGINANTE DO SERVIÇO E DO TESTEMUNHO: O AGIR E A VIDA CRISTÃ DECORREM DA EXPERIÊNCIA CELEBRATIVA DO MISTÉRIO PASCAL DE CRISTO.”



Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos” (JUSTINO, 2006, p. 310-313, tradução nossa). O apologista conecta a ressurreição com o primeiro dia da criação, estabelecendo um nexos entre a criação, o evento salvífico cristão e a celebração da Eucaristia dominical. Celebrar o dia do Senhor remete ao evento da criação, renovado pela Páscoa de Cristo. Contudo, o mesmo Justino, após a celebração que descreve (liturgia), evoca a solidariedade da comunidade para com os necessitados (serviço), bem como o enfrentamento de perseguições, teor principal de suas apologias (testemunho).

O Vaticano II, já tendo ensinado o lugar central da liturgia na vida da Igreja (SC 10), recupera o domingo como Páscoa semanal, dia de festa e de alegria, dia por excelência da Eucaristia, da Palavra e da memória pascal de Jesus Cristo (SC 106). Reforça o caráter festivo desse dia, chamando-o de “primordial dia de festa” (*primordialis dies festus*), a ser assim proposto à piedade dos fiéis. O caráter festivo do domingo é elemento irrenunciável para a vivência mais fundamental da Eucaristia: a celebração dominical.

4. DO RITO AO MISTÉRIO

Celebrar equivale a festejar como expressão profunda da vida, distante da lógica utilitarista e sem submissão aos enquadramentos racionais e pragmáticos da sociedade. A festa é da ordem do gratuito, do inútil, do não tempo (TABORDA, 2019, p. 63-67). Ela rompe a espinha dorsal da ideologia da produção, da urgência e dos papéis sociais.

Nela, a verdade mais nuclear da vida humana vem à tona. Sua linguagem é a poesia, a arte, o rito e o símbolo, capazes de descer às profundezas do ser, ao contrário do discurso, da racionalidade e da especulação. Ela traz uma profecia incômoda e, ao mesmo tempo, esperançosa, que se resume nas palavras de Paulo: “Se é para esta vida que colocamos a nossa esperança em Cristo, somos, dentre todas as pessoas, as mais dignas de compaixão” (1Cor 15,19). O rito, como linguagem própria da festa, antecipa um futuro de gozo e plenitude, diante do desespero e do limite desta vida. Ele faz a ligação entre o passado e o futuro, qualificando o presente. Na mesma linha, a *Sacrosanctum Concilium* (SC) dá importante chave para a percepção da liturgia e para a compreensão do mistério pascal de Cristo, quando afirma:

A Igreja se preocupa vivamente que os fiéis cristãos não assistam como estranhos ou espectadores mudos a este mistério de fé, mas que, por meio dos ritos e das preces, alcancem uma boa compreensão dele, participem da ação sagrada consciente, piedosa e ativamente, sejam instruídos na Palavra de Deus, se nutram à mesa do corpo do Senhor, rendam graças a Deus oferecendo a vítima imaculada, não somente pelas mãos do sacerdote, mas juntamente com ele, aprendam a oferecer a si próprios e dia a dia, por meio de Cristo mediador, se aperfeiçoem na unidade com Deus e entre eles, de modo que Deus seja finalmente tudo em todos (SC 48).

Não é a compreensão dos ritos que promove a participação, mas é a mediação do rito e das orações que viabiliza a participação ativa e consciente no mistério. Por trás disso está subentendida a compreensão do axioma *lex orandi – lex credendi*, isto é, “a norma da oração (liturgia) determina a norma da fé”. Por conseguinte, é preciso cuidar do rito e das orações litúrgicas como unidades fundamentais da festa cristã e, ademais, como elementos memoriais capazes de nos aproximar da boa compreensão do mistério, elemento que ultrapassa as barreiras temporais. Daí ser possível aventar a hipótese de memória do futuro (TABORDA, 2015, p. 64–69): não só o evento da salvação não está preso ao passado, mas, ao mesmo tempo, também é da natureza da festa (e do rito) remeter ao futuro. A abordagem litúrgica da Eucaristia, ao se voltar para o rito como lugar teológico, ajuda a reconhecer que a grandeza do mistério eucarístico não está nas conclusões que tiramos dele, mas no próprio ato celebrativo e na forma de realizá-lo.

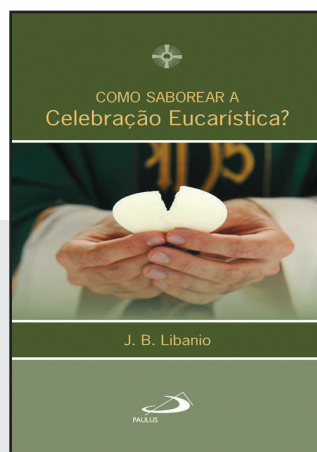
5. RECUPERAR O CARÁTER CELEBRATIVO

Impressiona o caráter estático ainda predominante nas assembleias, fruto de uma compreensão assaz dogmática do sacramento, a qual, por certo, não propicia a celebração, mas enrijece e “cerimonializa” a ação litúrgica. Os movimentos dos fiéis, reduzidos à procissão de comunhão, ao levantar-se, ao ajoelhar-se e ao assentar-se, conotam a concepção eucarística pré-conciliar: um espetáculo a ser assistido. Certamente, bastante se deve à configuração dos espaços (programa iconográfico), que muito pouco correspondem aos espaços litúrgicos do período clássico do rito romano.

Por isso, a reforma da liturgia e do *Ordo Missae* requer mais passos para se efetivar. Por exemplo: voltar o altar para o povo, embora tenha sido um passo importante, não foi suficiente. O rito supõe que os fiéis

Como saborear a celebração eucarística?

João Batista Libanio



120 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O que precisamos para celebrar melhor a Eucaristia? Por que muitos fiéis acham cansativas as celebrações atualmente? Conheça uma série de elementos litúrgicos que podem transformar o modo como você vê a Eucaristia.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



“EM MISTÉRIO PARTICIPAMOS DO ACONTECIMENTO HISTÓRICO ÚNICO E IRREPETÍVEL QUE TROUXE A REDENÇÃO PARA A HUMANIDADE.”

circundem o altar para oferecer o sacrifício de louvor ao Pai, juntamente com aquele que preside (cf. Orações Eucarísticas I e IV). A expressão *omnium circumstantium* (literalmente, “todos [os fiéis] que, de pé, circundam” o altar) não se refere a uma metáfora, mas à condição sacerdotal do povo, a qual se apoia nesse testemunho antigo da tradição romana (séculos IV-VII), reafirmado pela SC 48 e pela *Lumen Gentium*, n. 11: o povo oferece a oblação juntamente com o presidente e concorre com ele na ação sagrada.

Outro dado que sinaliza o baixo índice de recepção da reforma conciliar diz respeito à “verdade dos sinais” (IGMR 321): que o pão se pareça alimento verdadeiro e se possa realizar a fração do pão para manifestar mais claramente a importância do sinal da unidade de todos num só pão e da caridade fraterna. As partículas podem ser adotadas tão somente quando o número de participantes e outras razões pastorais o exigirem. Segundo Lenaers:

O pão partido e distribuído, revelação do modo pelo qual Jesus está presente no mundo, perde muito do seu sentido quando transformado em puro objeto

de adoração. O encontro com Jesus se restringe, neste caso, a um recordar meditativo, enquanto as palavras imperativas de Jesus convocam justamente para comer e beber (LENAERS, 2014, p. 242).

Também de acordo com o autor: “Eis por que é tão importante que tudo seja verdadeiro, pois só o que é verdadeiro pode ser simbólico” (LENAERS, 2014, p. 242). Assim, em grandes assembleias com comunhão sob duas espécies, cuide-se de guardar o simbolismo do único cálice, usando, para a distribuição, cálices em tamanhos bem menores, para não se igualarem ao cálice principal. E ainda:

É muito recomendável que os fiéis, como também o próprio presidente deve fazer, recebam o corpo do Senhor em hóstias consagradas na mesma missa e participem do cálice nos casos previstos, para que, também através dos sinais, a comunhão se manifeste mais claramente como participação no sacrifício celebrado atualmente (IGMR 85).

Os dois breves exemplos não são apresentados como soluções para a questão proposta. Pretendem, sim, contribuir para a verificação do caminho ritual como possibilidade de aproximação das fontes da liturgia, da Tradição e das Escrituras. Permanece a tarefa de recepcionar, promover e aprofundar a reforma da liturgia da Igreja, partindo sempre do rito, de modo que a ação sacramental não seja condicionada por uma ideia que fazemos do sacramento, mas, ao contrário, seguindo a intuição conciliar (SC 48), que a ação ritual e orante da Igreja promova um bom conhecimento e participação do mistério. **VP**

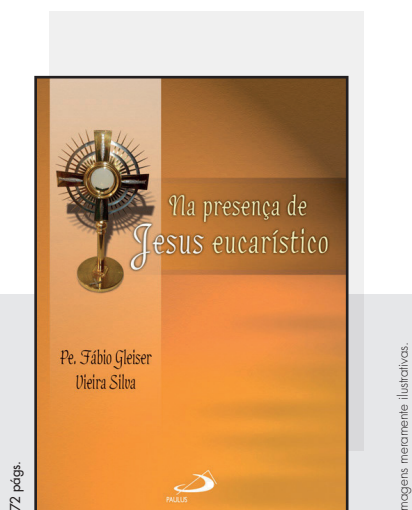
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURGEOIS, Henri. O testemunho da Igreja antiga: uma economia sacramental. *In*:

- SESBOÜÉ, Bernard (org.). *Os sinais da salvação: séculos XII-XX*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BUYST, Ione. Eis o mistério da fé: a Eucaristia como sacramento pascal. In: CNBB. *A Eucaristia na vida da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 25.
- CATECISMO da Igreja católica (CaIC). Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas; Loyola: Ave-Maria, 1993.
- CNBB. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário: texto oficial (IGMR)*. Brasília, DF: Edições CNBB, 2014.
- DI SANTE, Carmine. *Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2004.
- HESCHEL, Abraham Joshua. *O Shabat: seu significado para ao homem moderno*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- JOÃO PAULO II. *Dies Domini: Carta Apostólica sobre a santificação do domingo*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1998.
- JUSTINO. *Apologie pour les chrétiens*. 7. ed. Paris: Les Éditions du Cerf, 2006.
- LENAERS, Roger. *Viver em Deus, sem Deus?* São Paulo: Paulus, 2014.
- PENNA, Romano. *A ceia do Senhor: dimensão histórica e ideal*. São Paulo: Loyola, 2018.
- PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (org.). *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 15-58.
- PIKAZA, Xabier; HAYA, Vicente. *Palabras originarias para entender a Jesús: comentarios evangélicos desde el griego, el hebreo y el arameo a las principales festividades del año*. Madrid: San Pablo, 2018.
- TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a Eucaristia*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- TABORDA, Francisco. *Sacramentos, práxis e festa*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2019.

Na presença de Jesus Eucarístico: reflexão, adoração, oração

Fábio Gleiser Vieira Silva



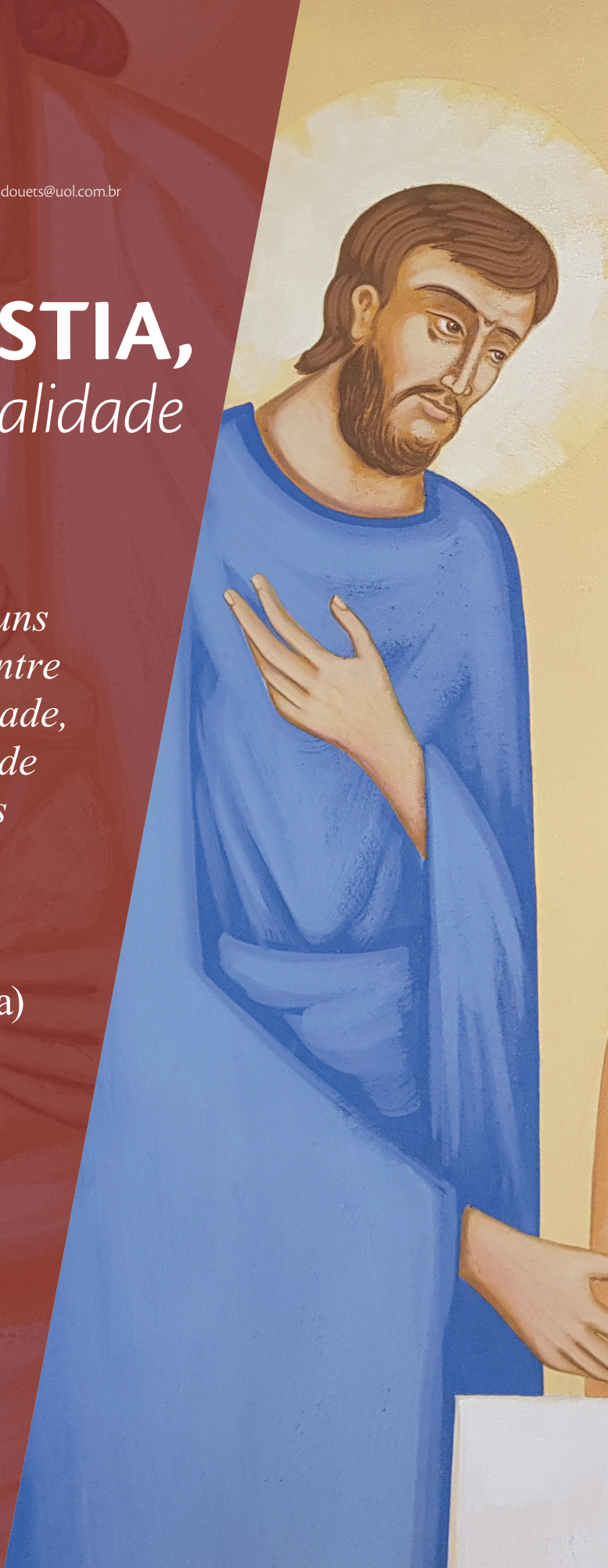
O livro tem como objetivo ajudar as pessoas na adoração da Eucaristia. Traz momentos de reflexão sobre a Eucaristia, explicitando o que é adoração, intercessão, reparação, ação de graças e louvor.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

A EUCARISTIA, fonte da sinodalidade

O texto apresenta alguns aspectos da relação entre Eucaristia e sinodalidade, enfatizando a finalidade da Eucaristia, que nos torna corpo místico de Cristo a partir da comunhão e da participação (koinonia) nesse corpo. Com base em tal realidade, busca problematizar, em uma perspectiva pneumatológica, a sinodalidade como o modo de ser da Igreja.







“A sinodalidade é o modo de ser da Igreja, que brota da Eucaristia.”

1. O desafio da sinodalidade na contemporaneidade

O tema da sinodalidade, embora não seja algo novo na vida da Igreja, tem tido grande repercussão nos últimos tempos. Como afirmou o papa Francisco: “O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (FRANCISCO, 2015). Porém, o papa mesmo reconhece que “é um conceito fácil de exprimir em palavras, mas não é assim fácil pô-lo em prática” (*ibidem*). Os pecados existentes entre nós, juntamente com posturas eclesiológicas assumidas ao longo da história, contribuíram, não poucas vezes, para certo ofuscamento dessa experiência estruturante na Igreja.

Não se trata, simplesmente, de uma estratégia metodológica a ser adotada. A sinodalidade é o modo de ser da Igreja, que brota da Eucaristia. Como nos recorda o papa:

Se compreendermos que, como diz São João Crisóstomo, “Igreja e Sínodo são sinônimos” – pois a Igreja nada mais é do que este “caminhar juntos” do rebanho de Deus pelas sendas da história ao encontro de Cristo Senhor –, entenderemos também que dentro dela ninguém pode ser “elevado” acima dos outros. Pelo contrário, na Igreja, é necessário que alguém “se abaixe”, pondo-se a serviço dos irmãos ao longo do caminho (FRANCISCO, 2015).

No entanto, para amadurecermos no caminho da sinodalidade, duas atitudes são fundamentais: a abertura à conversão pessoal

e pastoral, como nos lembra a Conferência de Aparecida, e a sempre necessária “volta às fontes”, na busca de redescobrir a jovialidade dos fundamentos da experiência sinodal.

2. A experiência eucarística, fonte da comunhão eclesial

A Eucaristia e o batismo são os sacramentos estruturantes da Igreja como *koinonia* (comunhão e participação) no corpo e sangue de Cristo. E a *koinonia* tem seus sinais visíveis na comunhão na fé, nos sacramentos, no credo e na pessoa do bispo, sinal visível dessa realidade. A encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (n. 23), ao refletir sobre 1Cor 10,16-17, recorda-nos o seguinte:

Pela comunhão eucarística, a Igreja é consolidada igualmente na sua unidade de corpo de Cristo. A esse efeito unificador que tem a participação no banquete eucarístico alude S. Paulo, quando diz aos coríntios: “O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão” (1Cor 10,16-17).

Partindo dessa constatação, podemos afirmar que a celebração eucarística tem como finalidade nos transformar no corpo eclesial de Cristo, mediante a comunhão no corpo sacramental (CNBB, 2005, p. 80).

Como nos lembra o papa emérito Bento XVI:

[...] a Igreja é o Corpo de Cristo e renova-se continuamente graças à Eucaristia. Na Eucaristia comemos todos o mesmo pão, por natureza numericamente um – Cristo, que não se deixa transformar em nossa substância corpórea, mas, ao contrário, é ele que nos assimila no seu corpo e, por conseguinte, faz todos nós um único Cristo. [...] As consequências que daí resultam são deveras importantes. Para Paulo, a Igreja não é simplesmente corpo místico, mas corpo verdadeiramente de Cristo, ou, em outros termos, para Paulo, a expressão: “Corpo de Cristo” (isto é, os cristãos), não é apenas uma comparação ou uma metáfora, mas uma realidade que exprime a própria essência da Igreja (RATZINGER, 2016, p. 109-110).

Não poucas vezes, principalmente a partir do segundo milênio, a ênfase, na catequese eucarística, é dada ao “encontro pessoal” com Cristo, compreendido em uma perspectiva intimista, que corre o perigo de empobrecer e ofuscar a vitalidade e os desdobramentos eclesiais da experiência eucarística, reduzindo o mistério eucarístico a um “culto à hóstia”, em alguns casos com forte apelo emocional e com influência de elementos estranhos à tradição litúrgica e sacramental da Igreja.

O ápice da experiência eucarística é a plena comunhão com o corpo eclesial de Cristo, a Igreja (TEXTO-BASE, 2019). Na Eucaristia, é o próprio Cristo que nos atrai para seu corpo. Infinitamente mais importante que uma experiência meramente subjetiva e intimista, na Eucaristia, Cristo nos arranca da mesmice da nossa existência, marcada pela fragmentação, para permanecermos em outra dimensão com ele, a qual só pode ser vivida de forma processual e na medida em que, com a ajuda da graça de Deus, nos deixamos atrair rumo ao seu corpo místico. É na experiência eucarística que vamos nos conformando a ele, na escola mistagógica do

Como participar da Eucaristia?

Catequese sobre a missa

Padre Busch



48 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este livro auxilia os cristãos a compreender a riqueza da liturgia da missa, atitude fundamental para serem missionários nos ambientes familiar e profissional.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

sacramento da Eucaristia. Quando, verdadeiramente, se vive o mistério eucarístico, o que brota dessa experiência é uma Igreja que encontra e celebra sua identidade como corpo, unido pela “comunhão e participação”, vivendo na permanente busca escatológica de comunhão em meio à sua diversidade.

3. O desdobramento estrutural da Igreja, a partir da Eucaristia, é a escuta recíproca, de forma sinodal

A comunhão dos batizados, que caracteriza a Igreja, é ponto de partida da sinodalidade (LG 32). Por seu turno, a dimensão pneumatológica é constitutiva da experiência sinodal. Todos os batizados e batizadas, em torno da Eucaristia, são testemunhas do Espírito Santo. Todos, em algum nível, são docentes e discentes na comunidade eclesial. Todos têm algo a dizer e todos têm sempre o que escutar, em torno da Palavra de Deus. Isso é assim porque todos e todas possuem o Espírito Santo, como nos alerta São Paulo: “Ou

vocês não sabem que seu corpo é templo do Espírito Santo, que está em vocês e lhes foi dado por Deus? Vocês já não pertencem a si mesmos” (1 Cor 6,19). Por isso, é importante aprofundar um caminho de conversão pastoral que supere “monólogos eclesiais”. Como nos recorda o papa Francisco:

Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar “é mais do que ouvir”. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, colégio episcopal, bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o “Espírito da verdade” (Jo 14,17), para conhecer aquilo que ele “diz às Igrejas” (Ap 2,7) (FRANCISCO, 2015).

Desde suas origens, a Igreja vive de forma sinodal. Um dos testemunhos mais antigos acerca disso se encontra no texto dos Atos dos Apóstolos que apresenta a controvérsia sobre a necessidade de circuncisão para os cristãos (cf. At 15,1–22). São ricas as fontes sobre experiências sinodais na Igreja, como, por exemplo, as do século II. Em situações que ultrapassavam as condições das Igrejas locais para resolver desafios, surgiram os sínodos regionais de bispos. Eles se reuniam e discutiam, juntos, problemas de ordem disciplinar, doutrinal, pastoral etc., e as resoluções eram assumidas pelo conjunto dos bispos das Igrejas locais envolvidas. Na ausência de um bispo da região envolvida no problema, era prática comum enviar-lhe uma carta do conjunto dos bispos reunidos no sínodo, partilhando com ele o que havia sido resolvido de forma colegial, e o bispo em questão assumia aquelas decisões na sua Igreja local. Infelizmente, em alguns momentos da história da Igreja, embora nunca tenha desaparecido totalmente a tradição dos sínodos, a experiência de “caminhar juntos”, exercitando a escuta mútua, foi perdendo relevância diante de certos modelos



“A celebração eucarística tem como finalidade nos transformar no corpo eclesial de Cristo, mediante a comunhão no corpo sacramental.”

eclesiológicos que, principalmente a partir do segundo milênio, foram surgindo e fragilizando as mediações de escuta.

Por isso, é sempre oportuno lembrar que o “caminhar juntos” (sínodo), com base na escuta mútua, não é mera metodologia ou estratégia eclesial, mas sim realidade constitutiva da Igreja, que brota da experiência eucarística. Diante dos desafios da cultura contemporânea, “a Igreja é chamada a ativar, em energia sinodal, os ministérios e os carismas presentes na sua vida para discernir os caminhos da evangelização na escuta da voz do Espírito” (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2018, n. 53).

Conclusão: XVIII Congresso Eucarístico Nacional, convite a beber nas fontes que fortalecem a sinodalidade na Igreja

A celebração do XVIII Congresso Eucarístico Nacional é oportunidade de reflexão e de amadurecimento desses temas na vida da Igreja, aprofundando uma catequese eucarística que nos (re)lembre as fontes mais cristalinas e profundas da Eucaristia, a qual nos torna uma Igreja sinodal.

Que o XVIII Congresso Eucarístico Nacional nos ensine a encontrar, na Eucaristia, o modelo e o alimento da vida cristã de cada dia. Que o celebremos de tal forma, que nos ajude a redescobrir a fascinação secreta e irresistível que a ceia de Jesus pode exercer sobre as pessoas, principalmente, sobre aquelas que o sistema deste mundo seduziu para o egoísmo e o consumo leviano e depredador da vida e da natureza (TEXTO-BASE, 2019, p. 141-142).

Os desafios eclesiais na contemporaneidade, vistos com os olhos da missionariedade, à luz da experiência eucarística, são também apelos do Espírito à Igreja, para que, alimentada pela Eucaristia, se torne, cada vez mais, “comunidade da escuta”, capaz de escutar, *ad intra* e *ad extra*, as múltiplas vozes que a constituem. Comprometida com a caminhada comum, torne-se uma Igreja sempre mais em saída e misericordiosa com os que sofrem, na busca da prática eucarística que se dilata sobre o mundo.

vp

Referências bibliográficas

- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília, DF: CNBB, 2018. (Documentos da Igreja, n. 48).
- CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium: Constituição Dogmática sobre a Igreja*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *A Eucaristia na vida da Igreja: subsídios para o Ano da Eucaristia*. Brasília, DF: CNBB, 2005. (Estudos da CNBB, n. 89).
- FRANCISCO, Papa. *Discurso do papa Francisco por ocasião da comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 out. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 5 jan. 2022.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Ecclesia de Eucharistia: Carta Encíclica sobre a Eucaristia e a sua relação com a Igreja*. São Paulo: Loyola, 2003.
- RATZINGER, Joseph. *O novo povo de Deus*. São Paulo: Molokai, 2016.
- TEXTO-BASE do XVIII Congresso Eucarístico Nacional. São Paulo: Paulus: Paulinas, 2019.

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Izabel Patuzzo*

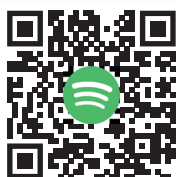


Acesse também o programa
Palavra Viva pelo QR code
ao lado.

Cada um dos roteiros está acompanhado de códigos QR   que remetem para as plataformas digitais de músicas  Spotify e  YouTube Music e trazem sugestões de cantos para a respectiva celebração. Esses cantos também podem ser escutados – mediante a busca pelo nome dos respectivos CDs – no próprio *site* da Paulus (paulus.com.br), o qual disponibiliza as partituras.

TODOS OS FIÉIS DEFUNTOS

2 de novembro



Habitar para sempre na tenda do Senhor

I. INTRODUÇÃO GERAL

Entre as certezas que carregamos em nossa vida de filhos e filhas de Deus está a finitude de nossa existência. Todos passamos pela experiência da partida definitiva de amigos e familiares para a eternidade. Tanto o nascimento como a morte fazem parte do ciclo da vida, da ordem natural. Segundo o ensinamento da Igreja, a morte é o fim de nossa missão na terra e a passagem para o ciclo final da existência, quando entramos na comunhão definitiva com Deus. Nossa caminhada terrena é medida pelo tempo, no decorrer do qual buscamos crescer e amadurecer na relação de amor com Deus e com aqueles com os quais convivemos. Nessa caminhada, envelhecemos, como acontece com todos os seres vivos da natureza, e a certeza da morte nos faz lembrar que nosso tempo aqui é limitado.

O sentido de urgência que esse tempo limitado desperta pode nos tornar conscientes, a cada dia, da importância de qualificar nossas relações familiares e de amizade, na busca de um trabalho digno e construtivo para nós e para os outros. E assim, atentos às necessidades dos que nos rodeiam, alcançar a plenitude de nossa vida espiritual. Que nossa passagem por este mundo seja um testemunho, uma contribuição à humanidade. Como cristãos, somos movidos pela fé na ressurreição, e nossa mortalidade futura deve nos inspirar a viver na expectativa de estar eternamente com Deus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 3,1-9)

O texto do livro da Sabedoria nos enche de confiança e nos ensina que Deus cuida de todas as pessoas que vivem segundo sua justiça. Ele não é indiferente ao sofrimento de quem cumpre seus ensinamentos. Sua graça e misericórdia se estendem a todos os que depositam nele sua confiança. A leitura nos apresenta uma vida futura feliz, na qual iremos experimentar a convivência com Deus; por isso, exorta-nos a viver na justiça. A pessoa sábia tem uma conduta virtuosa e confia em Deus; essas qualidades tornam possível a união com ele. Quem escolhe os caminhos do Senhor não está livre de sofrimentos e provocações, mas quem espera nele compreenderá

*Ir. Izabel Patuzzo pertence à Congregação Missionárias da Imaculada – PIME. Mestre em Aconselhamento Social pela South Australian University e em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É licenciada em Filosofia e Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica. E-mail: isabellapatuzzo@hotmail.com

a verdade e o amor, pois somos chamados para a imortalidade. Por conseguinte, o autor sagrado afirma que a vida do justo está nas mãos de Deus. Os seres humanos são destinados à imortalidade, dom divino.

2. II leitura (Ap 21,1-5a.6b-7)

O tema central da segunda leitura é a descrição do mundo novo que Deus está para criar. A visão de João do novo céu e da nova terra remete à realidade de um mundo em que a violência, a maldade e a injustiça já não têm lugar. Desse modo, Deus pode estabelecer sua tenda no meio do povo, enxugar toda lágrima e eliminar todo sofrimento que aflige a humanidade. O primeiro céu e a primeira terra, que já passaram, simbolizam o mundo corrompido pelo pecado. Somente Deus é capaz de recriar o novo paraíso.

Sua voz, vinda do trono, fala diretamente com os fiéis ouvintes, afirmando que ele remove toda origem da tristeza e declarando que irá renovar o mundo. Esse texto encoraja os fiéis a considerar o poder e a confiabilidade de Deus. Aqueles que permanecerem fiéis a Jesus Cristo experimentarão a nova criação. O próprio Senhor declara que tudo está consumado; ele tem o poder de renovar todas as coisas, todas as pessoas e o coração de cada um, pois está no princípio e no fim de tudo que existe. Tem controle sobre a história e garante sua bênção aos vencedores, ou seja, a todas as pessoas que vivem segundo sua justiça. Estas não experimentarão a segunda morte, que, na linguagem do Apocalipse, significa a morte espiritual. Ser vencedor no caminho do discipulado é um desafio, pois exige uma vida inteira de fidelidade a Jesus Cristo e a capacidade de resistir a todas as propostas daqueles que se opõem aos ensinamentos das Escrituras.

3. Evangelho (Mt 5,1-12a)

O texto do Evangelho da liturgia deste dia faz parte do chamado sermão da montanha, segundo São Mateus. O discurso que

Jesus dirige à multidão é uma atualização da Torá. De acordo com as Escrituras, pôr em prática os ensinamentos da Torá é caminho de santidade e sabedoria. Ela contém todas as instruções éticas e legais para uma vida vivida em conformidade com a justiça divina. Tais ensinamentos apontam para o amor a Deus com todo o coração. É a regra de ouro para toda pessoa que teme o Senhor.

Jesus atualiza a Torá para seu tempo, declarando que aqueles que vivem os preceitos divinos são bem-aventurados. As bem-aventuranças proclamadas por ele são uma exclamação de felicidade que acompanha a todos os que se põem sob os cuidados divinos, mesmo que sejam pobres, aflitos e perseguidos. Os pobres são felizes porque recebem o cuidado especial de Deus. O Senhor cuida daqueles que a sociedade ignora. A expressão “pobres em espírito”, em Mateus, expressa o afastamento das riquezas por opção pelo Reino de Deus.

Os mansos incluem todos os que são acolhedores, gentis e caridosos com os outros. Os aflitos referem-se a todas as categorias de pessoas que sofrem por verem que, muitas vezes, o mal reina sobre a terra. Os misericordiosos são aqueles que deixam transparecer o rosto misericordioso de Deus, vivendo uma vida de caridade e perdão. Os pacíficos representam os que excluem todo tipo de vingança e escolhem o caminho da não violência que Jesus ensinou.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A fé na vida eterna nos ajuda a adotar um estilo de vida em conformidade com o projeto de salvação que o Senhor nos oferece. Esse projeto de salvação consiste em continuamente nos esforçarmos para crescer na justiça, na concretização do amor ao próximo, na construção de um mundo segundo os ensinamentos de Jesus, buscando não a sabedoria deste mundo, mas a sabedoria divina.

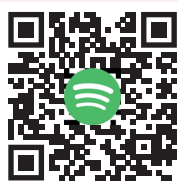
Os sofrimentos da existência presente não são um drama sem sentido e sem finalidade. A liturgia deste dia nos recorda que somos chamados a viver na esperança e na confiança; mesmo em meio a dores, cabe-nos caminhar em direção à vida plena que Deus nos oferece, em comunhão com ele e com todos aqueles que nos precederam nesse caminho.

A esperança da eternidade nos leva a viver comprometidos com a justiça e a verdade, pois nossa existência neste mundo deve consistir na busca do bem comum como caminho para a felicidade sem fim. Isso implica não nos conformarmos com os projetos terrenos que ameaçam a vida humana e a da natureza.

Abraçar a fé cristã significa viver na confiança em Deus, que nos oferece uma vida plena. Por isso, nossa tarefa é nos comprometermos com a luta pela paz e pela justiça, na certeza de que as forças do mal não podem pôr em risco a vida que nos anima. Na medida em que nos comprometermos com o mundo novo, adotando atitudes que protegem a vida, estaremos aptos para habitar o novo céu e a nova terra que o Senhor preparou para nós.

TODOS OS SANTOS E SANTAS

6 de novembro



Todos somos chamados à santidade

I. INTRODUÇÃO GERAL

A solenidade de Todos os Santos e Santas remonta aos primeiros séculos da era cristã. Essa festa litúrgica foi instituída para homenagear todos os santos conhecidos e desconhecidos, particularmente os homens e mulheres que deram a vida pela fé em Jesus Cristo. Durante o longo período de

perseguição, houve muitos que sofreram o martírio no mesmo dia e, naturalmente, a Igreja passou a fazer memória de seu testemunho numa única data. Desse modo, em sua origem, a solenidade de Todos os Santos e Santas recorda todos aqueles que se santificaram dando a vida pela fé, às vezes no silêncio e no anonimato.

Cada um a seu modo, os santos nos inspiram a sermos discípulos de Jesus, assumindo nosso batismo com fidelidade radical. Nesta solenidade, refletimos sobre o chamado à santidade que cada um de nós recebe e agradecemos a Deus a missão que ele nos confia. Professamos a comunhão dos santos e a vida eterna enquanto caminhamos neste mundo. Todos nós somos chamados a viver a comunhão com os irmãos e irmãs como preparação à comunhão eterna.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ap 7,2-4.9-14)

O autor do Apocalipse faz uso de uma literatura simbólica muito comum em sua época, chamada de literatura apocalíptica ou enóquica. O texto relata uma das visões proféticas que descrevem os anjos como os mediadores entre Deus e a comunidade dos fiéis. Os anjos, pela sua proximidade com Deus, são revestidos de autoridade para carregarem os selos de Deus, os quais, segundo a simbologia apocalíptica, remetem à identidade dos que foram marcados pelo batismo e também pelo martírio. O selo, na verdade, é o sinal externo de que somos servos de Deus e lhe pertencemos. O cristão é assinalado na testa com o sinal de sua pertença a Deus, o qual, no livro do Apocalipse, contrasta com o sinal da besta, portado por aqueles que praticam a idolatria. A marca que o cristão carrega é sinal de fidelidade, de perseverança na fé.

A primeira leitura também fala da grande multidão no céu que adora o Cordeiro imolado e ressuscitado. Os santos selados na terra

são vistos, em seguida, no céu, vestidos com roupas brancas de triunfo e segurando ramos de palmeiras nas mãos. Eles celebram a vitória do Cristo ressuscitado e estão em plena comunhão com ele. São aqueles que saíram vitoriosos da grande tribulação, isto é, das perseguições que sofreram. Agora compartilham da vitória de Jesus Cristo porque resistiram e perseveraram na fé até a morte. Sua recompensa consiste em servir a Deus e celebrar a alegria eterna, visto que nunca mais sofrerão privações.

2. II leitura (1Jo 3,1-3)

Na segunda leitura, João faz referência à nossa filiação divina. Ser filhos e filhas de Deus tem, como consequência, dar testemunho de nossa filiação divina. Em primeiro lugar, o cristão não pertence ao mundo mergulhado no pecado, que recusou receber Jesus Cristo. Todo cristão é chamado a levar uma vida de santidade como Cristo. Os batizados confiam que partilharão a vida plena em Cristo no futuro. Na tradição joanina, a pessoa que conhece a Deus é chamada a ser semelhante a ele, pois o discípulo compartilhará do mesmo destino do Mestre e participará também de sua glória.

Pelo batismo, o discípulo passa a pertencer à comunidade de fé que Jesus instituiu. Portanto, pertencer a Deus significa renunciar a toda forma de pecado. A comunidade de fé não deve confundir-se com o mundo, pois não pratica a iniquidade. O texto sugere que toda pessoa que mergulha no mundo do pecado não é, de fato, cristã. Essa leitura indica que a eleição e a habitação divina estão em contraposição às pessoas que praticam o mal. João espera que os membros da comunidade vivam de modo coerente com a dignidade de filhos e filhas de Deus.

3. Evangelho (Mt 5,1-12)

O texto de Mt 5-7 foi considerado por Santo Agostinho a “carta magna” da vida cristã. Expressa a verdade ética capaz de

Ministério da presidência

A arte de presidir a Eucaristia

Pe. José Freitas Campos



Este livro procura conscientizar sobre o mistério eucarístico e ajudar a vivenciá-lo, a fim de que permaneça o que eleva ao eterno e mude o que dele nos afasta.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

iluminar o agir (o comportamento) cristão. Entende-se por verdade ética: 1) o saber a respeito da felicidade; 2) o saber obrar o bem. Diante das multidões, Jesus age por compaixão.

Como novo Moisés, Jesus ensina a multidão do alto da montanha. Até o momento, Mateus ainda não havia mencionado esse lugar. Depois dirá que, uma vez concluído seu ensinamento, Jesus desceu da montanha. Esta tem forte valor simbólico, porque liga o ensinamento do Mestre com a revelação de Deus a Moisés no Sinai. Como Moisés, Jesus sobe a montanha, mas, diferentemente daquele, não escuta os mandamentos de Deus: antes, ele os pronuncia, atualizando-os em forma de bem-aventuranças. Isso porque, para Mateus, Jesus é o Filho de Deus enviado ao mundo e, portanto, superior a Moisés.

A expressão “sentou-se” indica a posição de ensino por excelência, de magistério. Há outro movimento por parte daqueles que ouvem o discurso de Jesus: os discípulos “se aproximaram”. Essa ação, realizada pelos ouvintes, tem um sentido cultural que remete ao Antigo Testamento, quando Deus era cultuado na montanha. Ao aplicá-la no contexto de Jesus, Mateus ressalta essas conotações culturais: os discípulos se aproximam do Messias, que os ensina. Esta é a primeira vez que os discípulos são mencionados no Evangelho segundo Mateus; trata-se daqueles que tinham sido chamados anteriormente.

A repetição do adjetivo “felizes” ou “bem-aventurados” indica a plenitude da alegria, com referência também ao presente, não apenas ao futuro. As três primeiras bem-aventuranças apresentam um estilo de vida em consonância com o Decálogo: pureza de coração, mansidão como proposta de não violência e aflição como consequência da fidelidade às Leis divinas. As demais bem-aventuranças seguem a mesma estrutura, falam das promessas àqueles que herdarão o

Reino dos céus, pois quem experimenta a misericórdia divina é capaz de ter o mesmo sentimento em relação aos outros.

A pureza do coração equivale a uma integridade interior, que se manifesta em comportamentos. Portanto, Jesus orienta seus discípulos para uma piedade e pureza interior que emanam de uma fé sincera em Deus. Aqueles que promovem a paz são os que experimentaram a paz de Deus e por isso se engajam em ações que buscam eliminar as hostilidades neste mundo, em vista da construção do bem comum. Neste mundo tão marcado por conflitos e guerras, os que promovem a paz serão reconhecidos como verdadeiros filhos de Deus, autênticos membros da grande família humana que tem Deus por Pai. Em Mateus, a linguagem da justiça também diz respeito ao comportamento correto diante de Deus. Jesus, ao dizer que “deles é o Reino dos céus”, fecha o ciclo das bem-aventuranças, no sentido de que essas bênçãos são as principais marcas dos que têm Deus como o único soberano deste mundo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

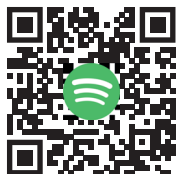
Em seu conjunto, as bem-aventuranças proclamadas por Jesus constituem uma mensagem de esperança para aqueles que, aos olhos do mundo, vivem em condições de sofrimento e pobreza. Os destinatários das bênçãos divinas não são os mesmos que o mundo proclama felizes pelo fato de terem poder, dinheiro, prestígio, aplausos etc. A lógica do Reino opera uma inversão: os que sofrem todo tipo de privações e perseguições em virtude de terem escolhido o Reino de Deus são felizes porque não são esquecidos por Deus; antes, são os destinatários das bênçãos divinas.

A solenidade deste domingo nos ajuda a celebrar a esperança na ressurreição, pois os santos e santas de Deus foram aqueles que viveram o batismo de forma radical, no espírito das bem-aventuranças. Apesar de terem limites e defeitos, esforçaram-se para se aproximar

da luz divina e se deixaram transformar pelos valores evangélicos. Encontramos em cada um deles um perfil diferente, mas todos buscaram a fidelidade ao chamado e às inspirações que receberam de Deus.

33º DOMINGO DO TEMPO COMUM

13 de novembro



Não tenhais medo!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Ao nos aproximarmos do fim do ano litúrgico, cujo último domingo é a solenidade de Cristo Rei do Universo, a ser celebrada na próxima semana, a liturgia deste 33º domingo do Tempo Comum nos relata os momentos derradeiros do ministério público de Jesus. Em linguagem simbólica, as leituras refletem sobre o sentido da história da salvação, apontando para a meta final, e Deus nos conduz para habitar no novo céu e na nova terra, isto é, no mundo novo que lutamos para construir com base nos valores evangélicos. A descrição de eventos como destruição, guerras, revoluções, lutas, terremotos, pragas, fomes e visões pode dificultar nossa compreensão da Palavra de Deus, na qual Jesus nos convida a não ter medo, porque o término desses sofrimentos está próximo.

A primeira leitura afirma que o dia do julgamento está chegando; o profeta Malaquias usa a imagem do fogo ardente na fornalha. Nesse dia, todos os arrogantes e malfeitores se tornarão como palha. Aqueles, porém, que caminham na justiça resplandecerão como raios luminosos. O fogo é a imagem da purificação necessária do reino do mal, que é feito de escolhas individuais e coletivas. Nossa experiência de Deus deve

Formação para ministros extraordinários da Sagrada Comunhão

Pe. Luiz Miguel Duarte



Imagens meramente ilustrativas

Este livro apresenta os diversos aspectos da celebração eucarística, a começar pelo seu sentido profundo e por suas múltiplas implicações. Traz uma lista de objetos e palavras utilizados na celebração.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

ser como o fogo, eliminando o mal por meio de escolhas que nos conduzam ao bem comum e à justiça.

A segunda leitura é forte convite a esperar a vinda definitiva de Deus não com uma atitude de comodismo, mas participando ativamente da construção do seu Reino. E o Evangelho complementa a mensagem deste domingo, apresentando o caminho que nossas comunidades devem percorrer. A missão que Jesus entrega aos seus discípulos consiste em transformar o mundo, para que as forças do mal não prevaleçam.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ml 3,19-20a)

O profeta Malaquias provavelmente exerceu seu ministério quando o segundo templo já havia sido reconstruído. O povo escolhido estava sob o domínio do Império Persa. O fato de estarem subjugados a um poder estrangeiro não impede que o profeta exorte o povo a permanecer entusiasmado pelas expectativas de reconstrução na terra. Depois do tempo devastador que foi o exílio da Babilônia, com a destruição de Jerusalém, Deus vai dar nova chance para o povo escolhido se reconstruir.

O significado do nome de Malaquias é “mensageiro de Deus”, por isso, em sua mensagem, o profeta encoraja o povo desanimado a prestar atenção e perceber os sinais que apontam para a realização das promessas de Deus, que já estão em curso. Diante da falta de esperança e da apatia do povo escolhido, em um contexto de dominação estrangeira, marcado por injustiças e arbitrariedades, Malaquias convida o povo a se levantar e reagir. Este não pode duvidar do amor de Deus, da sua justiça e do seu cuidado por Israel. A reconstrução depende do empenho e envolvimento de cada fiel.

O profeta dirige um convite a cada um para assumir o compromisso com Deus, pôr em prática o amor ao próximo e entrar na

dinâmica da conversão, prestando verdadeiro culto ao Senhor. Ele exorta a comunidade dos fiéis a participar das assembleias litúrgicas no templo como sinal de pertença a Deus. A menção ao dia do julgamento significa que Deus conduz a história e irá intervir. O dia do Senhor não é o fim dos tempos nem o fim do mundo, mas o tempo em que Deus será, de fato, o único soberano de Israel, quando o povo escolhido depositará toda sua confiança nele, não desistindo de lutar pelo bem mesmo diante dos desvios dos soberanos deste mundo.

2. II leitura (2Ts 3,7-12)

Na segunda carta aos Tessalonicenses, o apóstolo Paulo retoma o tema do dia do Senhor. Aqueles que esperam, com entusiasmo, o tempo da parusia devem adotar um estilo de vida condizente com a vinda triunfal de Jesus ressuscitado, permanecendo sóbrios e dedicados à oração.

A comunidade de Tessalônica está enfrentando sério problema pastoral. Devido à ausência e ao distanciamento de Paulo, a comunidade se deixou levar pela catequese da sinagoga judaica, que proclama que o dia do Senhor está próximo. Portanto, já não seria preciso se dedicar ao duro trabalho do dia a dia. Essa concepção errônea da parusia faz que a comunidade se dedique apenas a futilidades, deixando de assumir as fadigas do dia a dia. Dessa forma, muitos estavam vivendo à custa dos outros. Paulo não pode aceitar essa atitude de acomodação, pois ele mesmo sempre se manteve com o próprio trabalho. A comunidade dos discípulos de Jesus é convidada a trabalhar com dignidade para manter seu sustento, e não ficar alienada, olhando para o céu; ao contrário, seus membros devem se envolver ativamente na construção do Reino de Deus.

3. Evangelho (Lc 21,5-19)

No texto do Evangelho, Jesus ensina sobre o futuro do templo de Jerusalém. A tradição evangélica conservou esses seus derradeiros

ensinamentos, antes de sua condenação. A leitura faz parte dos últimos acontecimentos em Jerusalém, nos quais Jesus pronuncia seu discurso escatológico. A escatologia inclui toda doutrina acerca do fim dos tempos.

O discurso de Jesus, introduzido como decorrência de comentários sobre a beleza e o esplendor do templo de Jerusalém, anuncia a destruição do templo. A seguir, vem a pergunta dos discípulos sobre quando tal evento acontecerá. O ponto central do ensinamento de Jesus não é datar a destruição do templo, mas convidar seus seguidores à vigilância e à fidelidade, como preparação para os acontecimentos futuros. Nessa leitura, Jesus prediz a destruição do segundo templo, a qual, historicamente, ocorreu. Ele insiste que tal dia chegará de forma surpreendente e lamenta a atitude das autoridades religiosas de Jerusalém por conduzirem um culto vazio, que justifica a destruição.

O evangelista Lucas chama a atenção de seus ouvintes-leitores para o fato de que, após a destruição do templo, surgirão falsos messias e visionários que anunciarão o fim dos tempos, mas sua comunidade não os deve seguir. Jesus também fala dos sinais que irão preceder a destruição. O novo que irá surgir exige resistência e perseverança da parte dos discípulos. A questão fundamental é permanecer fiel no tempo intermédio entre a queda de Jerusalém e a segunda vinda de Jesus. É justamente nesse período que Lucas escreve sua obra, para ajudar sua comunidade a entender as adversidades enfrentadas e perseverar. Ele tem plena consciência de que a Igreja está lutando para dar testemunho da fé em Jesus Cristo e de que o martírio e a perseguição são uma realidade muito presente nas comunidades às quais se dirige.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras deste domingo não estão preocupadas com o fim do mundo. A questão fundamental é o percurso que devemos fazer

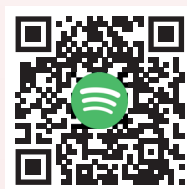
enquanto esperamos a plenitude dos tempos, segundo os desígnios de Deus. É a esperança de que Deus conduz a história que deve acompanhar nosso caminhar, e não o medo do fim do mundo.

O caminho do discipulado é, sem dúvida, permeado por provações, adversidades e luta contra todas as formas de mal. Jesus se encontra em Jerusalém para enfrentar a morte e não esconde que seus seguidores passarão pelos mesmos confrontos. Essas, porém, são as condições para construir o novo que irá surgir. O templo foi destruído, mas a Igreja, alicerçada na fé dos apóstolos, resistiu a todas as adversidades e atravessou o tempo.

Assistimos a muitas especulações acerca do fim do mundo, mas será que conseguimos identificar, em nosso tempo, sinais que apontam para o risco de destruição da humanidade? Povos se levantando uns contra os outros, descaso com a natureza, fome, diversas formas de intolerância, divisão e *fake news*, falta de vida e de liberdade são acontecimentos que nos levam a ter medo ou, antes, a dirigir nosso clamor a Deus, para que a fé na ressurreição fortaleça nosso compromisso de construir um mundo sem medo, permeado de esperança?

NOSSO SENHOR JESUS CRISTO,
REI DO UNIVERSO

20 de novembro



A realza de Jesus: doar a vida pela humanidade

I. INTRODUÇÃO GERAL

Nesta solenidade, a Igreja celebra a realza de Jesus como o ungido do Pai que ofereceu sua vida no altar da cruz para

redimir todos os povos. Para o cristão, ele é o único Rei do universo, porque aceitou a missão que o Pai lhe confiou de construir um Reino de paz, justiça e amor.

A primeira leitura recorda a história da monarquia em Israel. Samuel teve a difícil missão de ungir Saul, o primeiro rei de Israel, e foi o último juiz a liderar o povo escolhido. A transição do sistema tribal para o monárquico não foi pacífica, pois, para muitos fiéis, representou a recusa da soberania do Senhor Deus como o único que devia governar seu povo. A leitura faz pensar em Davi ainda quando era pastor e defendia seu povo e retrata a primeira etapa da liderança do novo rei.

Na segunda leitura, Paulo apóstolo, na carta aos Colossenses, descreve Jesus Cristo como a imagem do Deus invisível, cuja divindade toda a obra da criação reconhece. Ele é a única autoridade admitida pela comunidade de fé, pois, com seu sangue, redimiou a humanidade.

No Evangelho, Lucas relata o último diálogo de Jesus na cruz, quando um dos malfeitores que foi crucificado com ele reconhece sua inocência diante das acusações que lhe foram feitas. Esse malfeitor confessa que Jesus não cometeu nenhum pecado e pede que seja acolhido por ele no seu Reino eterno.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (2Sm 5,1-3)

O texto mostra Davi em Hebron, capital das tribos do Sul de Israel, onde recebe representantes das tribos do Norte, que também desejam aclamá-lo rei de todo o povo. Diante da proposta dos anciãos das tribos, Davi aceita ser rei. Trata-se do primeiro rei de Israel a unir todas as tribos, que estavam divididas pelas disputas entre Saul e Davi.

Os relatores do segundo livro de Samuel pertencem a um grupo de israelitas preocupados em manter a memória do rei

Davi, sobretudo do período de prosperidade, quando ainda era próximo do povo. Davi é descrito mais como um pastor de seu povo do que como rei. Ele é ungido para apascentar Israel. Desse modo, sua realeza é apresentada como querida por Deus. Assim, Davi deve ser um representante do próprio Deus no meio do povo. Ele passa a ser lembrado como um mediador entre Deus e o povo, exercendo a função de apascentar, isto é, de cuidar do povo que Deus lhe confia.

Embora o reinado de Davi tenha sido marcado por desvios da Aliança, por conflitos, guerras, conquistas e submissão de outros povos, além de crimes e injustiças, ele foi o rei mais lembrado pelo povo, particularmente por buscar a unidade entre as doze tribos. Resolveu conflitos com alguns povos que atacavam as tribos de Israel e, desse modo, garantiu certa estabilidade política. Ficou marcado como aquele que trouxe a paz para o povo. O Novo Testamento estabelece sua relação com Jesus na perspectiva da descendência. Jesus é o verdadeiro Messias, rei de Israel da linhagem de Davi.

2. II leitura (Cl 1,12-20)

No tempo de Paulo, Colossas era uma pequena cidade na Ásia Menor, situada numa região chamada Frígia, no vale do rio Lico, próximo de Laodiceia e Hierápolis. Toda essa área, que hoje faz parte da moderna Turquia, foi evangelizada por Paulo e pelo ancião João. A maioria dos habitantes dessas cidades, bem como de toda a região, eram gentios, embora historiadores digam que Antíoco III, o Grande (223-187 a.C.), decidiu transportar 2 mil famílias judias da Babilônia para Lídia e Frígia. Atos 2,10 menciona que moradores da Frígia estavam entre os judeus que ouviram o discurso de Pedro em Jerusalém no dia de Pentecostes.

Paulo não foi o fundador da comunidade cristã de Colossas. Epafras, um colossense que havia sido convertido pelo apóstolo em Éfeso, foi quem trouxe a fé para Colossas e, provavelmente, também para Laodiceia e Hierápolis. Enquanto estava preso em Roma, Paulo foi visitado por Epafras, que o informou sobre as perigosas tendências doutrinárias de alguns mestres locais. Tais ensinamentos eram produtos de influências judaicas e pagãs que propagavam particular crença acerca de seres angélicos. Segundo essa doutrina, os anjos tinham controle sobre os assuntos humanos e até mesmo sobre toda a criação. Tal crença pôs em risco a divindade de Jesus Cristo, que passou a ser considerado como um dos anjos, o mais poderoso entre os muitos mediadores entre Deus e o universo. Paulo teve de enfrentar esses erros com vigor e apontar claramente o lugar por excelência de Cristo como aquele que está acima de qualquer anjo ou potestade.

O judaísmo tentou rerepresentar essas doutrinas, inserindo-as em suas referências à observação do descanso sabático, às celebrações litúrgicas e à prática da circuncisão para acomodar os prosélitos que as compartilhavam. Em alguns círculos do judaísmo, havia forte crença na mediação dos poderes dos anjos. Paulo, com muita convicção, pregou a primazia de Jesus Cristo como o Senhor de todo o universo. O apóstolo desenvolveu sua catequese sobre a plenitude da divindade de Cristo, esclarecendo que de nenhuma forma sua natureza divina poderia ser compartilhada por qualquer outra criatura. Em Jesus Cristo, Deus revelou toda a plenitude de seu poder. Por sua morte na cruz, Jesus obteve a vitória sobre todas as forças que poderiam controlar o universo.

3. Evangelho (Lc 23,35-43)

O relato da paixão de Jesus segundo Lucas faz parte do destino final do Messias, já profetizado nos cânticos do servo sofredor pelo

Missa: uma ação emocional

Missa passo a passo

Pe. Wellington Cardoso Brandão



PE. WELLINGTON CARDOSO BRANDÃO

Missa:
UMA AÇÃO EMOCIONAL

Missa passo a passo

88 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Com método atraente e claro, a obra nos introduz na participação da missa "passo a passo". É um livro de grande valor que proporciona verdadeira catequese litúrgica, útil às equipes de liturgia e a toda a comunidade.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

profeta Isaías. No lugar chamado Caveira, ou Crânio, ele é crucificado entre dois malfeitores, insultado pelas autoridades e pelos soldados romanos e oficialmente identificado como “o rei dos judeus”.

O evangelista faz uma distinção entre a multidão silenciosa, que assiste de longe, e aqueles que dirigem insultos a Jesus, como os chefes dos judeus e os soldados. Na cena seguinte, um dos malfeitores que foi crucificado com Jesus também o insulta. Esse triplo insulto constitui o núcleo da extensão lucana da cena da crucificação, que outros evangelistas não relatam. Em todos esses insultos, aparece o verbo “salvar”. Os insultos dirigidos a Jesus pelas autoridades judaicas e pelos soldados também são relatados no Evangelho segundo Marcos, mas o último foi adicionado por Lucas. Esse completa a tríade de insultos que sublinham a divindade de Jesus, humilhado até a morte de cruz para salvar a humanidade. Ele foi crucificado precisamente como salvador-rei, que deu a vida para a construção de um Reino de amor, paz e justiça. A inscrição na cruz traz o título – irônico aos olhos do mundo – que resume quem, de fato, Jesus é: o Rei eterno de todo o universo. A cruz foi seu trono, expressão máxima de uma vida feita de entrega e amor. É nesse sentido que o relato de Lucas nos convida a entender a realeza de Jesus.

O pedido de um daqueles que foram crucificados com ele – “Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino” – é seguido pela resposta: “Hoje mesmo estarás comigo no paraíso”. Trata-se do lugar da vida em plenitude e definitiva que Jesus, Rei do universo, concede àqueles que acolhem sua proposta de salvação.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

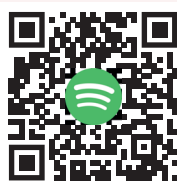
Celebrar a solenidade de Jesus, Rei do Universo, não é convite para fazer memória de um Deus forte, que submete a todos por meio de

um poder dominador. Ele não se impõe aos seres humanos por sua onipotência, mas é um Deus que põe toda sua autoridade a serviço da vida, que tem imensa ternura e doa sua vida numa morte humilhante na cruz para elevar a criatura humana.

Sua lógica de realeza se opõe totalmente à lógica dos poderes deste mundo. Diante de um rei despojado de tudo, que faz da cruz seu trono de entrega e amor, somos convidados a repensar que modelo de autoridade buscamos. O discipulado instituído por Jesus não precisa de um território geográfico, não precisa de um poder terreno instituído, como os Estados políticos que conhecemos. A Igreja que nasce aos pés da cruz é chamada a ser comunidade servidora, seguindo o exemplo de Jesus, Rei do universo. É nesse sentido que a liturgia deste domingo nos convida a repensar nossos valores e toda a nossa existência. Diante de um rei pregado na cruz, insultado, sem nenhuma honraria, nenhum aplauso, nenhum exército para defendê-lo, como podemos pôr nossa vida a serviço dos outros com o mesmo despojamento?

1º DOMINGO DO ADVENTO (ANO A)

27 de novembro



Preparai-vos, pois o Senhor está para chegar!

I. INTRODUÇÃO GERAL

O 1º domingo do Advento marca o início do novo ano litúrgico para a Igreja. O Advento é, para nós, um tempo de graça que nos ajuda a bem preparar o Natal. A celebração da vinda do Senhor deve ser preparada, em primeiro lugar, em nosso coração. Dois elementos centrais de nossa

fê caracterizam este tempo de espera: o nascimento do Salvador, que se encarna na realidade humana, e sua vinda final gloriosa, no fim dos tempos. Os temas-chave da época do Advento são a espera vigilante, a preparação dos caminhos do Senhor e a conversão, como busca da justiça e do amor.

Na primeira leitura, o profeta Isaías convida toda a comunidade dos fiéis, todas as raças e nações, a se dirigirem para a montanha, o lugar do encontro com o Senhor. E desse encontro com Ele e com sua Palavra nasce um novo mundo de concórdia, harmonia e paz. O Senhor faz de todas as nações um só povo, reunido ao seu redor.

Pode ser desafiador ficar acordado a noite toda, seja cuidando de um parente doente, seja esperando um ente querido voltar de viagem. A segunda leitura e o Evangelho mencionam o tema do ficar acordado, aguardando o Senhor Jesus voltar em sua glória. No Evangelho de Mateus, Jesus diz a seus ouvintes que fiquem despertos, pois não sabem o dia em que o Senhor virá. Ele recorda que, nos dias de Noé, as pessoas cuidavam de seus negócios até que veio o dilúvio e não perceberam os sinais da catástrofe. Portanto, adverte seus discípulos de que eles devem estar preparados para a vinda do Filho do Homem.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 2,1-5)

O texto de Isaías é um oráculo que se encontra também no livro do profeta Miqueias, o que indica que era uma fórmula conhecida nos círculos proféticos. O profeta anuncia que nova ordem está para surgir. A escolha de Sião como morada do Senhor Deus, como lugar de proteção especial, tem como objetivo ressaltar que a peregrinação das nações não é para confrontos e destruição, como muitas vezes acontecia. O motivo da grande assembleia é destruir as armas de violência e construir a paz.

Missa: entenda e participe

Pe. Luiz Miguel Duarte



84 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra oferece auxílio para maior entendimento da missa.

São apresentados os fundamentos bíblicos e teológicos da Eucaristia e alguns pontos referentes à sua dimensão litúrgica: espaço celebrativo, valorização do canto, funções da equipe de celebração, noções sobre o ano litúrgico, símbolos e gestos simbólicos e o modo de preparar a celebração.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

A mensagem central do texto é a busca da instrução na Lei do Senhor. O verdadeiro significado da Torá é traduzir em ações concretas a retidão e a justiça; trata-se de um comportamento ético-moral de quem busca trilhar os caminhos do Senhor. O anúncio profético se projeta para uma realidade futura. A diferença entre o presente e o futuro ideal aqui descrito é que, no presente, a Torá está sendo rejeitada até mesmo pelo povo escolhido, enquanto, no futuro, todos irão pautar sua vida na acolhida dos ensinamentos do Senhor. A paz aqui descrita exige renunciar a todas as guerras, ao pensamento de conquista, à subjugação de um povo por outro, e acolher, em sua inteireza, as normas prescritas pelo Senhor.

A visão do profeta é sobre o monte onde está o templo do Senhor. Lá é sua morada, e o desejo do Senhor é fazer todos os povos convergirem para ele. Ele proporcionará esse encontro de paz entre todos os povos e raças. Assim, já não haverá divisões nem inimizades. Na medida em que todos se reúnem ao redor do Senhor, escutam sua Palavra e aprendem seus caminhos, as intrigas, divisões, guerras, hostilidades e conflitos vão se desfazendo. Desse encontro harmonioso com Deus e entre as nações resulta o progresso, o entendimento entre os povos, a cooperação, a abundância e a paz.

2. II leitura (Rm 13,11-14)

O apóstolo Paulo provavelmente compôs a carta aos Romanos durante sua terceira viagem missionária, quando estava em Corinto. Ele estava se preparando para partir para Jerusalém a fim de levar a coleta que havia feito nas comunidades da Ásia Menor em benefício da comunidade mãe, que passava por privações.

A mensagem do texto é uma exortação escatológica dirigida aos cristãos de Roma; eles devem perceber que já estão vivendo um tempo de graça. Aqueles que abraçaram

a fé em Jesus Cristo são chamados a expressar, por meio de suas ações, sua identidade cristã e adotar uma conduta de discípulos do Senhor. Portanto, esse é o tempo para que os cristãos vivam a própria fé, agindo por meio da caridade. É hora de acordar, porque a salvação está próxima. Ao dizer que a noite avançou, Paulo está sugerindo que não há muito tempo a separar os cristãos de seu destino final, que é a comunhão com Cristo. A leitura proposta para este domingo exorta os cristãos da comunidade de Roma a expressar o amor mútuo e permanecerem vigilantes até a vinda do Senhor, quando ele concluirá a história da salvação, no fim dos tempos.

Paulo, assim como seus contemporâneos, certamente acreditava que a segunda vinda de Jesus Cristo seria em um futuro não tão distante. Ele viria para concluir a história da salvação. Havia grupos religiosos que faziam especulações em torno dessas expectativas, mas o apóstolo não estava interessado em quando isso iria acontecer, e sim no modo como os cristãos deveriam aguardar a segunda vinda do Senhor; quais eram as consequências e o testemunho que deveriam dar no tempo dessa espera.

3. Evangelho (Mt 24,37-44)

O Evangelho deste domingo é uma parte dos últimos discursos de Jesus antes da sua paixão e morte, em Jerusalém. O tema central dessa seção é a vinda do Filho do Homem, um dos títulos atribuídos ao Messias enviado por Deus. Sua chegada deve ser precedida por uma série de atitudes que indicam a vigilância daqueles que aguardam o Senhor.

Mateus contempla a realidade de sua comunidade, que provavelmente já havia presenciado a destruição do templo de Jerusalém. Preocupado com os sinais de abandono, de acomodação e de esfriamento no testemunho, ele sente a necessidade

de renovar o compromisso de fé. É preciso reconstruir a esperança dos membros de sua comunidade, fazendo uma retrospectiva da história da salvação. O discurso de Jesus toma como exemplo o que aconteceu no tempo de Noé. Muitas pessoas tiraram conclusões erradas e ignoraram os sinais que precederam a inundação, porque estavam preocupadas somente com as coisas passageiras e foram completamente descuidadas com as coisas que dizem respeito a Deus.

O evangelista explicita que essa ignorância estúpida e culposa levou à destruição total de todos aqueles que não foram atentos aos sinais dos tempos. Tomando fatos conhecidos da história, o evangelista exorta a comunidade a permanecer vigilante e a reconhecer os sinais que precedem a chegada de Deus. Essa exortação se fundamenta na profunda convicção de que a vinda de Jesus Cristo é certa, ainda que não aconteça em breve. Porém, enquanto tal momento não chega, é preciso estarmos preparados para esse grande evento, vivendo de acordo com os ensinamentos do Mestre e Senhor, pois ninguém sabe nem o dia nem a hora em que tudo isso sucederá. O verdadeiro discípulo está sempre atento e vigilante, preparado para acolher o Senhor.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O tempo do Advento é um convite para estarmos vigilantes, preparados para acolher todas as oportunidades de salvação que Deus nos oferece continuamente. Sua vinda ao nosso encontro nos desafia a compartilhar algo com os irmãos e irmãs empobrecidos, renunciando à avariza e ao egoísmo.

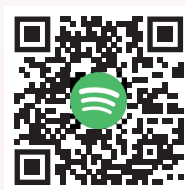
As leituras nos apresentam algumas atitudes que impedem o ser humano de acolher o Senhor que vem. Fazem pensar naqueles que orientam toda a sua vida para a busca de satisfação pessoal e prazeres efêmeros, que vivem obcecados pelo trabalho desenfreado e fundamentam sua felicidade nos bens materiais.

Ou, então, naqueles que desistem de lutar por uma vida mais digna, que vivem sem perspectiva de um futuro melhor. As leituras falam do adormecer, do acomodar-se, sem prestar atenção nas realidades mais essenciais. São uma advertência para toda gente que ignora os sofrimentos dos irmãos e irmãs, sob a justificativa de que as mazelas sociais são um problema das políticas públicas e que não somos responsáveis pelo sofrimento alheio.

Neste tempo de preparação para a celebração do nascimento do Senhor, a Igreja nos convida a recentrar nossa vida, focando no essencial, naquilo que é mais importante, reordenando nossas escolhas e prestando atenção nas oportunidades que o Senhor, no dia a dia, nos oferece como a melhor forma de nos preparar para sua vinda.

2º DOMINGO DO ADVENTO

4 de dezembro



O Reino de Deus está perto!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo apresenta a figura de João Batista, como o precursor de Jesus; sua pregação prepara o caminho para a chegada do Messias. Todas as leituras nos convidam a nos despojarmos dos valores egoístas e fugazes que às vezes orientam nossa vida, levando-nos ao distanciamento dos caminhos de Deus.

Na primeira leitura, o profeta Isaías fala do amor paternal do Senhor Deus e da resposta ingrata de Israel. Diante da indiferença do povo escolhido, o Senhor o corrige e educa com amor e misericórdia. Por isso, enviará um descendente de Davi, sobre quem repousa o Espírito do

Senhor, e a missão desse personagem será reconstruir um reino de paz e justiça que não terá fim.

A segunda leitura dá continuidade à carta de Paulo endereçada aos romanos, recordando-lhes que cada cristão deve se esforçar para ser um rosto de Cristo visível no mundo. Quem segue a Jesus deve dar testemunho de união, de solidariedade e de caridade para com os necessitados, vivendo uma vida de harmonia com os outros, acolhendo e ajudando os irmãos e irmãs mais vulneráveis, conforme o ensinamento de Jesus.

O Evangelho nos apresenta a pregação de João sobre a vinda do Senhor, tema-chave do Advento. Assim como a mensagem de João preparou o caminho para Jesus no seu tempo, somos chamados a nos prepararmos. Respondemos à mensagem de João com nosso arrependimento e com a reforma de nossa vida. Também somos chamados a ser profetas de Cristo, que anunciam pela própria vida, como fez João, a vinda do Senhor.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 11,1-10)

A primeira leitura retrata o período do rei Ezequias (714 a.C.), que, preocupado com o fortalecimento do Império Assírio, fez aliança com o Egito. Tal decisão política depositava toda a esperança de segurança no exército estrangeiro, à custa de submissão e pesados tributos, além de pôr em risco a segurança futura de seu próprio povo. O profeta Isaías era totalmente contra essa decisão política, pois tal iniciativa foi considerada uma afronta pelo poder assírio, que invadiu Judá, cercou Jerusalém e obrigou o rei Ezequias a se entregar à Assíria. Portanto, a realidade é desoladora e o povo está desiludido.

É nesse contexto que o profeta dirige a mensagem da primeira leitura, um oráculo em forma de poesia. Primeiramente, Isaías apresenta a chegada de uma pessoa que vem como mensageiro da paz. Essa personagem

tem suas raízes em Jessé, da casa de Davi, pois Deus é fiel às suas promessas feitas à dinastia davídica. Tal enviado tem como missão reconstruir Israel e trazer a paz, porque nele repousa o Espírito do Senhor. O mesmo Espírito que esteve presente na criação, na ordem do universo, que animou todos os que estiveram à frente do povo escolhido e inspirou os profetas conduzirá também o novo enviado de Deus. O Espírito de Deus confere ao enviado todas as virtudes de seus antepassados que lideraram Israel: espírito de sabedoria e inteligência, como Moisés e Aarão, conselho e fortaleza, como Samuel, espírito de conhecimento e temor de Deus, como os patriarcas e as matriarcas, profetas, juízes e juízas.

A segunda parte do poema apresenta as características do Messias que virá. A aliança com Deus foi quebrada, mas o enviado vai trazer a paz de uma forma harmoniosa e surpreendente que envolverá toda a natureza, não apenas a criatura humana. Os animais domésticos irão conviver com os selvagens em completa harmonia e, como no paraíso, todos eles serão submetidos ao ser humano, representado pela criança, isto é, pelo ser humano na sua fragilidade e pequenez. Até mesmo a serpente, que provocou a desarmonia inicial no paraíso, se submeterá ao ser humano comprometido a reconstruir a harmonia. Todos os seres da natureza se empenharão para a superação total do desequilíbrio, das rivalidades, das divisões e de todo pecado. E, nessa parceria solidária, toda natureza se insere na dinâmica da construção de um mundo de paz.

2. II leitura (Rm 15,4-9)

Esta leitura proposta pela liturgia pertence à segunda parte da carta aos Romanos. Paulo apresenta o exemplo de Cristo, com o qual somos chamados a nos identificar. Na visão do apóstolo, a comunidade dos fiéis é formada de pessoas fortes, mas também de fracos. Por isso, os fortes são chamados a carregar as fragilidades dos fracos. Para edificar

a comunidade, muitas vezes temos de nos dispor a carregar os fardos uns dos outros; exercitar a paciência para com a atitude imatura dos membros vulneráveis. A leitura nos apresenta a metáfora da edificação em sentido coletivo. O motivo para esse comportamento é que nosso Senhor Jesus Cristo carregou nos ombros o peso de nossos pecados. Ele é o único modelo que nos cabe imitar na vida.

Em sua mensagem, Paulo também exorta os cristãos a não fazer discriminações, mas acolher a todos a exemplo de Jesus, que incluiu no seu discipulado tantas categorias de pessoas desprezadas pela sociedade de seu tempo e consideradas desprezíveis. O comportamento sugerido pelo apóstolo sempre se fundamenta na pessoa de Jesus Cristo e nas Escrituras. Ele recorda que mesmo o Antigo Testamento já aponta para essa realidade, que Jesus levou à plenitude. Por fim, pede que o Deus da esperança cumule os fiéis de alegria, paz e fê.

3. Evangelho (Mt 3,1-12)

O evangelista Mateus, depois de apresentar os relatos da infância de Jesus, descreve a obra da pregação de João Batista. Este aparece, na tradição dos grandes profetas de Israel, pregando o arrependimento e a mudança de vida. De fato, a descrição de João encontrada nesta leitura lembra a descrição do profeta Elias em 2Rs 1,8. No texto da liturgia deste domingo, João dirige aos fariseus e saduceus – partidos dentro da comunidade judaica de seu tempo – um apelo particularmente contundente ao arrependimento.

O profeta faz forte apelo à conversão a todos os que o procuram, oferecendo-lhes o batismo de arrependimento. Provavelmente, aqueles que o procuravam faziam parte de um grande movimento de grupos que, na época, praticavam lavagens rituais para fins semelhantes. Ademais, o batismo de João pode estar relacionado com as práticas dos essênios, uma seita judaica do século I. Esse batismo pode ser entendido como uma

A missa explicada parte por parte

Pe. José Bortolini



40 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Um livro para os que desejam entender o núcleo de nossa fé. Quanto mais compreendermos os fundamentos da fé, mais aptos estaremos para vivenciar, celebrar e testemunhar aquilo que cremos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

antecipação do batismo cristão. Nessa passagem, o próprio João alude à diferença entre seu batismo e o que ainda está por vir: “Eu os batizo com água, para arrependimento. [...] Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo”.

João deixa bem claro que sua relação com o Messias ainda por vir (Jesus) é de serviço e subserviência: “[...] aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu. Não sou digno de levar suas sandálias” (v. 11). No contexto do Evangelho de Mateus, a passagem deste domingo é seguida pelo batismo de Jesus por João, evento que é atestado em todos os quatro Evangelhos e parece ter marcado o início do ministério público de Jesus.

A figura de João Batista, por si só, questiona-nos e interpela-nos. Ele atua no deserto, lugar de escassez, de despojamento, de provações, mas também de proximidade com Deus. Nas Escrituras, é o lugar do encontro com Deus; de escutá-lo, de deixar-se conduzir por ele. João se veste de forma simples, contrastando com a suntuosidade das vestes dos sacerdotes do templo de Jerusalém. Seu modo de vida ressalta que ele não usufrui de nada da comunidade. Não é um homem só de palavras, mas também de atitudes bem concretas, que todos podem ver. Isso lhe dá autoridade para o chamado à conversão, porque ele é coerente com a mensagem que prega à multidão dos fiéis.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Para nós, cristãos, Jesus é o Messias que nos aponta o caminho da salvação. Ele iniciou uma nova comunidade de discípulos que se dispuseram a acolher sua proposta de fraternidade universal, fundamentada na prática da justiça, da harmonia e da paz. Jesus foi conduzido pelo Espírito Santo em tudo que fez e ensinou. Durante todo seu ministério público, convidou pessoas para viverem o amor, a solidariedade, a partilha, o compromisso com o bem comum, segundo a proposta divina. Nós, seus discípulos e discípulas de hoje, como estamos contribuindo para a continuidade de seu projeto?

Nossas comunidades devem ser, para o mundo, o rosto visível de um Deus amoroso, misericordioso, que propõe um estilo de vida pautado no acolhimento, no respeito a todas as pessoas e a todos os seres da natureza, mas, muitas vezes, presenciamos grandes divisões internas entre nós, faltando com o testemunho de unidade e harmonia; muitas vezes nos fechamos em círculos restritos a quem partilha nossas convicções, colaborando apenas com aqueles que concordam com nossa visão de mundo, estilo de vida, trabalho pastoral etc. O que podemos fazer para mudar essa realidade?

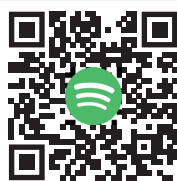
A pregação de João Batista, narrada por Mateus, é forte apelo à mudança radical de vida por causa do Reino dos céus. Essa mudança de mentalidade e de modo de agir é um retorno à proposta de fidelidade à Aliança que perpassa toda a Sagrada Escritura. Muitos ouvintes daquele tempo se converteram mediante o anúncio profético. Nós somos seus destinatários de hoje, pois fomos batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Como filhos e filhas de Deus, esforçamo-nos para viver a comunhão com Deus e com os irmãos e irmãs? Vivemos a partilha com as pessoas que caminham ao nosso lado?

Os roteiros homiléticos da festa da Imaculada Conceição podem ser acessados no *site* da revista.



3º DOMINGO DO ADVENTO

11 de dezembro



Alegrai-vos!

I. INTRODUÇÃO GERAL

O 3º domingo do Advento é tradicionalmente chamado de domingo da alegria, porque as leituras fazem um convite

a permanecermos alegres em vista da chegada próxima do Senhor, que vem para nos libertar.

A primeira leitura nos fala da promessa de salvação, a qual o profeta Isaías descreve como uma floração no deserto. A chegada de Deus é marcada por esse cenário de alegria. O Senhor vem para dar nova vida a seu povo, para libertá-lo do jugo a que estava submetido e conduzi-lo para a festa da liberdade, como fez outrora, quando Israel foi escravo no Egito.

A segunda leitura é retirada da carta de Tiago, dirigida aos cristãos que estavam vivendo na pobreza, em um contexto de muita exploração econômica por conta de toda uma política de colonização. O irmão Tiago convida os cristãos a não se deixarem levar pelo desespero, mas esperar com paciência e confiança no Senhor.

No Evangelho, João envia uma mensagem a Jesus da prisão, perguntando se ele é o Messias por quem estava esperando. Jesus responde, apontando para os milagres que realizou e convidando João e os outros ouvintes a chegar à sua própria conclusão. Mais adiante, Jesus elogia João por seu papel na preparação do caminho para o início de seu ministério. Por fim, diz que todos aqueles que trabalham para o Reino de Deus serão tão grandes quanto João e ainda maiores.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

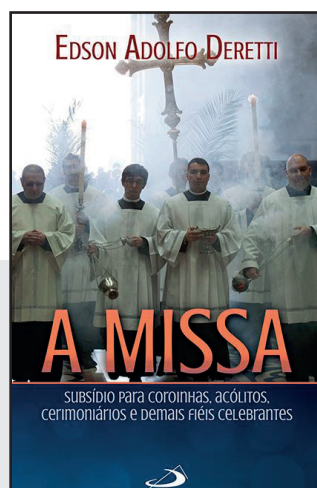
1. I leitura (Is 35,1-6a.10)

A primeira leitura deste domingo pertence ao gênero profético-apocalíptico. O profeta Isaías recorre a essa linguagem simbólica, descrevendo os últimos combates do Senhor Deus, particularmente com Edom, e a vitória definitiva do povo de Deus. O texto pode ser chamado de hino da alegria, destinado a reavivar a esperança e o ânimo daqueles que experimentaram o exílio. O motivo dessa grande alegria é que Deus fará justiça àqueles que foram conduzidos ao cativeiro.

A missa

Subsídio para coroinhas, acólitos, cerimoniários e demais fiéis celebrantes

Edson Adolfo Deretti



96 págs.

Imagens meramente ilustrativas

Este livro, composto de dois grandes capítulos – Liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística –, traz orientações sobre quatro aspectos de cada parte da missa. Aspectos históricos, aspectos litúrgico-teológicos, posição corporal da ação ritual e aspectos práticos para coroinhas, acólitos e cerimoniários.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

O profeta aponta para os sinais da própria natureza; eles indicam que algo muito bom está para acontecer. Assim como, com a chegada de nova estação, a natureza se enfeita com a florada, assim deve ser com Israel, que se prepara para a ação libertadora de Deus. Na chegada da primavera, o deserto e o descampado são chamados a se revestir de flores e de vida abundante. As flores das mais variadas cores e espécies manifestam a intervenção favorável do Senhor. Esse cenário alegre é símbolo do que acontecerá com o povo. Deus vem para mudar a sorte de seu povo sofrido. Toda essa descrição da magnificência das plantas é a imagem da beleza, da glória de Deus, que em breve se manifestará, pois somente ele é capaz de fazer brotar vida onde há desolação e morte.

O profeta dirige palavras de ânimo e encorajamento à comunidade dos fiéis. O povo não deve baixar a cabeça diante da situação desoladora, mas se unir, seguindo o exemplo da natureza. E o resultado da ação transformadora do Senhor será que os cegos irão recuperar a vista, os surdos ouvirão e o coxo não apenas andará, mas correrá, saltará como um cervo; o mudo não só falará, mas irá cantar de júbilo. Esses são alguns dos sinais de que Deus transformará totalmente a sorte de seu povo, pois ele oferece vida em abundância para todos.

2. II leitura (Tg 5,7-10)

Na segunda leitura, Tiago exorta seus leitores-discípulos à espera paciente pela vinda do Senhor. As palavras iniciais: “sede, pois, pacientes” resumem toda a mensagem desse texto. Elas se aplicam não apenas a situações de injustiças e ultrajes, mas também a todas as provações do cotidiano. As menções às chuvas temporã e tardia são expressões veterotestamentárias que descrevem características típicas do clima da Palestina, às quais o agricultor estava habituado. Em sua mensagem, Tiago utiliza desse conhecimento

da vida na Palestina para falar da espera paciente que os discípulos de sua comunidade devem ter diante dos sofrimentos pelos quais estão passando e também da espera pelo agir do Senhor, que muda os acontecimentos.

O convite a fortalecer os corações refere-se à esperança na parusia; isso é motivo de esperança em meio às tribulações presentes, pois o cristão se alimenta da fé em que o Cristo ressuscitado está presente na comunidade dos fiéis. Por isso, a exortação passa também pelas relações mútuas, tomando o exemplo daqueles que são bem-aventurados porque perseveraram pacientemente. Isso implica que aqueles que temem a Deus conhecem, nas Escrituras, outros exemplos de pessoas que enfrentaram o sofrimento, como Jó e outras figuras do Antigo Testamento. Os sofrimentos não são a realidade final de nossa vida, pois Deus tem seu tempo, sua hora de revelar sua misericórdia. A perseverança cristã se baseia na convicção da misericórdia divina e na esperança da vinda do Senhor.

3. Evangelho (Mt 11,2-11)

A leitura do Evangelho deste domingo está em continuidade com o texto do domingo anterior, que nos apresenta a missão profética de João Batista. Na passagem de hoje, João deixa bem clara sua relação com o Messias (Jesus) ainda por vir, bem como seu papel de precursor para preparar os caminhos de sua chegada: “[...] aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu. Não sou digno de levar suas sandálias” (Mt 3,11). No contexto do Evangelho de Mateus, a passagem deste dia é seguida pelo batismo de Jesus por João, evento que é atestado em todos os quatro Evangelhos e parece ter marcado o início do ministério público de Jesus.

A narrativa informa que João Batista se encontra na prisão, por ordem de Herodes Antipas, e envia seus discípulos a Jesus com uma pergunta, reveladora de sua dúvida: Jesus é mesmo o Messias que o povo espera,

ou ainda deve vir outro? Jesus responde aos emissários de João, apontando para as ações concretas que ele está realizando no meio do povo: os pecadores que se convertem são acolhidos no grupo de seus discípulos, os doentes recuperam a saúde, os marginalizados se tornam protagonistas do Reino, os leprosos são purificados e os surdos ouvem (agora a Palavra de Deus pode ser ouvida por todos).

A mensagem de Jesus a João sobre os sinais do Reino sendo realizados lembra a salvação descrita pelo profeta Isaías. Essa passagem é um lembrete de que o início da salvação já está misteriosamente presente, mas também ainda está para se cumprir. A salvação já está em nosso meio, manifestada nos atos milagrosos de Jesus e na Igreja. Contudo, ela também deve ser cumprida no vindouro Reino de Deus. Mesmo quando observamos nosso mundo atual, podemos encontrar vislumbres da obra de Deus entre nós. Ademais, ajudamos a preparar o caminho para o Reino de Deus por meio de nossas palavras e ações. Essa mensagem é realmente motivo de regozijo.

A leitura está dividida em duas partes: na primeira, o evangelista Mateus destaca a figura de João Batista, cuja missão é apontar o Messias enviado; na segunda, o próprio Jesus faz uma apreciação da missão profética de João. A resposta de Jesus aos discípulos de João é uma declaração de que ele, de fato, é o Messias que cumpre todas as promessas anunciadas a seu respeito pelo profeta Isaías. O evangelista indica que é preciso distinguir qual é a missão do Messias e qual é a missão de quem prepara o caminho (João Batista) para sua chegada. Em outras palavras, o discípulo nunca será igual ao Mestre; seu papel é apontar para Ele.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O Advento se caracteriza pela espera da intervenção salvífica de Deus em favor de seu povo. No entanto, só percebe sua chegada quem

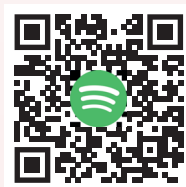
está atento e disposto a acolhê-lo. Ele só pode intervir na vida daqueles que o recebem. É tempo de nos interrogarmos até que ponto estamos preparados e dispostos para sua chegada transformadora em nossa vida. Sua proposta de libertação encontra espaço em nosso coração?

Todo batizado é chamado a testemunhar o projeto do amor misericordioso de Deus. Sua salvação chega mediante um testemunho verdadeiro, quando lutamos objetivamente para tornar realidade a superação de todas as formas de discriminação, divisão, injustiça, violência e intolerância, de modo que a luz da esperança divina não se apague no coração das pessoas. Estamos dispostos a esse nível de comprometimento de fé?

As leituras deste domingo nos interpelam sobre a figura de João. Ele não foi um pregador midiático que buscava visibilidade. Suas dúvidas acerca do Messias eram uma interrogação presente no coração de muitas pessoas de seu tempo. Ele se dirige a Jesus com honestidade sincera. Sua atitude nos ensina que não devemos ter medo de nossas dúvidas, pois não caminhamos com certezas absolutas, mas nos cabe sempre procurar honestamente pela verdade que nos vem de Jesus Cristo.

4º DOMINGO DO ADVENTO

18 de dezembro



Deus vem ao nosso encontro!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Finalmente, neste 4º domingo do Advento, as leituras proclamadas nos permitem iniciar a contemplação do mistério da encarnação que celebramos no Natal: Jesus é o Deus-conosco que veio ao encontro da humanidade para oferecer um proposta de salvação e vida nova.

A primeira leitura traz o relato do encontro do profeta Isaías com o rei Acaz, propondo-lhe que peça um sinal ao Senhor Deus. O rei recusa dirigir-se a Deus pedindo um sinal de sua intervenção, mas o profeta insiste que, apesar da obstinação de Acaz, Deus lhe dará um grande sinal: enviará o Emanuel, que será concebido por uma virgem.

A segunda leitura, retirada da carta de Paulo aos Romanos, sugere que nosso encontro com Jesus deve resultar em um testemunho de busca de santidade. Quem recebe a Boa-nova da salvação não a pode guardar somente para si, mas deve estar disposto a partilhá-la com aqueles que caminham ao seu lado.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 7,10-14)

O rei Acaz governou o Reino de Judá por volta do ano 734 a.C., em um período de estabilidade política e desenvolvimento econômico. A prosperidade trouxe às tribos de Judá certa tranquilidade. No entanto, no cenário da Mesopotâmia estava despontando grande ameaça, vinda da Assíria. O profeta Isaías, atento à realidade de seu tempo, prevê que essa tranquilidade será temporária. Israel tem de tomar cuidado com seu futuro. Enquanto o rei Acaz deposita toda a sua segurança na prosperidade, o profeta deposita toda a sua confiança no Deus da Aliança. É nesse contexto que o profeta se dirige ao rei, para alertá-lo e lhe recomendar que peça um sinal a Deus, em vista de decidir o que é melhor para seu povo. Acaz recusa-se a pedir a ajuda de Deus. Isaías, porém, insiste em buscar no Senhor as razões para seu discernimento.

O sinal de que Deus atua na história será este: uma virgem conceberá e dará à luz um filho; seu nome será Emanuel, que significa Deus-conosco. Ele será a garantia da continuidade da descendência de Davi,

porque Deus manterá sua promessa de enviar alguém que cuide do povo. A mensagem central do texto é a afirmação de que Deus não abandona sua Aliança. Isaías chama a atenção para as falsas seguranças do rei Acaz, que podem levar o povo à ruína. Ele confia excessivamente na força militar, e tal postura resultará em fracasso, culminando em uma guerra que devastará Judá.

2. II leitura (Rm 1,1-7)

A carta de Paulo aos Romanos foi escrita por volta do ano 57 ou 58 d.C., provavelmente quando o apóstolo se encontrava em Corinto e se preparava para deixar sua missão no Mediterrâneo oriental e partir para nova missão no Ocidente. O texto proposto na segunda leitura é a introdução da carta. Essa comunidade não foi fundada por Paulo, por isso ele tem muito cuidado ao se dirigir aos irmãos e irmãs que estão em Roma.

O apóstolo tem a intenção de partir em direção à Espanha e a Roma, porém antes deve visitar a comunidade mãe, Jerusalém, a fim de entregar a coleta das comunidades da Ásia Menor. Um dos objetivos da carta era se apresentar aos cristãos de Roma, ter um primeiro contato e anunciar sua futura visita. Paulo define a si mesmo como servo de Jesus Cristo, apóstolo por chamado divino e eleito para anunciar o Evangelho às nações.

Entender-se como servo de Jesus Cristo, para ele, significava pôr incondicionalmente toda sua vida a serviço da Igreja. Ser servo, para Paulo, não implica ser escravo, e sim uma escolha livre de quem está convencido de que deve se dedicar inteiramente à causa do Evangelho. Ao apresentar-se como apóstolo por meio de um chamado divino, ele quer dizer que seu testemunho é verdadeiro, pois pregar o Evangelho não é algo que partiu de sua iniciativa. Foi Deus quem o chamou e o designou para a missão evangelizadora, e seu passado confirma sua vocação missionária. O ministério apostólico indica a

exclusividade do serviço à proclamação da Palavra. Na Igreja primitiva, já havia a distinção entre apóstolos, diáconos ou diaconisas e presbíteros.

O ministério de Paulo no Ocidente exige uma dedicação total à causa do Evangelho. Ele suplica aos cristãos romanos que orem pela sua ida a Jerusalém, pois ainda nem todos os irmãos judeus da comunidade mãe o conheciam. A coleta em favor da comunidade mãe destinava-se aos pobres. Era um gesto de solidariedade dos gentios convertidos, como sinal de profunda gratidão por terem recebido a fé cristã mediante o testemunho da comunidade mãe.

3. Evangelho (Mt 1,18-24)

A narrativa do nascimento de Jesus, no relato de Mateus, compõe a seção dos textos sobre a infância de Jesus. O texto é verdadeira catequese sobre a origem de Jesus. O evangelista ensina que a concepção virginal de Jesus foi obra divina. José nos é apresentado como um homem justo, o que, na concepção veterotestamentária, significa obediente à Lei mosaica. Como fiel observante das Escrituras, José tem compaixão por Maria, no sentido de que não permite a execução do apedrejamento, pena prescrita à mulher que concebesse antes da consumação do matrimônio. José, como os sábios do Antigo Testamento, soube interpretar corretamente seus sonhos. Tal sabedoria era um dom concedido por Deus aos que eram fiéis aos ensinamentos da Torá e justos em suas relações com os demais.

O anjo do Senhor explica a José que Maria não é adúltera, algo que os leitores de Mateus sabiam muito bem, porque conheciam as leis da tradição contida nas Escrituras. O anúncio do anjo a José segue o estilo dos relatos veterotestamentários, quando se anunciava o nascimento de uma personagem muito importante para o povo escolhido. Esse anúncio é cercado de sinais divinos que provocam perplexidade e medo. O mensageiro

A missa de Paulo VI

Retorno ao coração da Tradição

Philippe Béguerie / Jean-Noël Bezançon



104 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Há mais de cinquenta anos, a reforma litúrgica é o fruto mais visível do Vaticano II. O livro busca salientar a origem, os objetivos, o conteúdo e os desafios da última reforma litúrgica registrada referente à missa: aquela que foi elaborada sob a direção e a autoridade de Paulo VI a pedido deste concílio.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

de Deus comunica o nome da criança que irá nascer. A etimologia do nome indica sua missão de salvador. O Emanuel, Deus-conosco, recorda toda a história de Israel, de um Deus que sempre está no meio de seu povo. Portanto, o nascimento dessa criança faz parte do projeto divino para a humanidade.

As figuras de José e Maria desempenham um papel muito importante como colaboradores do plano salvífico de Deus. Os dois enfrentam desafios e impasses diferentes na obra da salvação. José recebe dupla missão: acolher Maria e dar o nome à criança, o que significa tomá-la por filho. Maria, implicitamente, é aquela na qual se cumpre a profecia de que uma virgem conceberia. A encarnação de Jesus se torna possível mediante a obediência de Maria e José aos planos de Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras nos recordam que, na história da salvação, há pessoas como o rei Acaz, que depositam sua confiança em falsas seguranças. Muitos depositam sua esperança nos poderosos deste mundo. O profeta Isaías pertence à categoria de pessoas que depositam sua esperança somente em Deus. Os poderes deste mundo são falíveis, ao passo que Deus é o único que permanece fiel do início ao fim da história. Neste tempo em que nos preparamos para celebrar a vinda do Senhor, somos convidados a tomar consciência da fidelidade amorosa de Deus, questionando-nos onde depositamos nossa confiança e esperança.

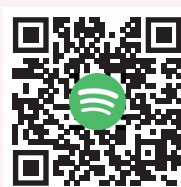
Nós, cristãos, que acreditamos no Emanuel, Deus-conosco, somos chamados a testemunhar, no mundo, sua proposta de vida e liberdade. O exemplo de Paulo apóstolo nos serve de inspiração, para que também nós venhamos a pôr nossa vida totalmente a serviço do Reino que Jesus veio construir. A vida de cada um de nós é uma missão, como nos falou recentemente o papa Francisco. A missão que Deus me confia é única, exclusiva e necessária para o bem das pessoas que convivem comigo.

Segundo a catequese primitiva da comunidade de Mateus, Jesus é o Deus que vem ao encontro da criatura humana na fragilidade de uma criança, acolhida por José e Maria. Ele foi enviado por Deus como o grande dom para a vida e a salvação da humanidade. A celebração do Natal que se aproxima é o momento de cada pessoa experimentar esse encontro pessoal com o menino Jesus. Esse encontro, porém, só é possível se estivermos com o coração aberto para acolhê-lo.

As figuras de José e Maria nos interpe-lam. Eles foram pessoas capazes de escutar e discernir os apelos de Deus na própria vida. Mudaram seus planos e projetos para poderem acolher a missão que Deus lhes confiou. Até que ponto somos capazes de mudar nossos esquemas mentais e desorganizar nossos projetos, quando precisamos estar disponíveis para o que Deus nos pede?

NATAL (MISSA DA NOITE)

24 de dezembro



A Luz resplandeceu em plena escuridão!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Nesta noite de festa, meditaremos sobre os detalhes do nascimento de Cristo, conforme a narrativa do Evangelho segundo Lucas. Aqui aprendemos sobre o censo que traz Maria e José de Nazaré a Belém, onde Jesus nasceu. Também ouvimos sobre o anúncio dessa Boa Notícia aos pastores por parte do anjo. Nesses detalhes, encontramos duas das preocupações particulares de Lucas: localizar a vinda de Cristo no quadro mais amplo da história da salvação, como a grande Boa-nova a todas as pessoas;

gentios e judeus são agraciados pela vinda do Senhor a este mundo, na pobreza e humildade do menino Jesus na manjedoura.

Na primeira leitura, o profeta Isaías nos fala da chegada de um menino da descendência de Davi como dom de Deus para seu povo escolhido. Ele será o príncipe da paz, enviado ao mundo para eliminar todo ódio, as guerras e toda sorte de sofrimentos; vem em missão de paz para inaugurar novo tempo de consolidação da justiça e da alegria.

A segunda leitura nos recorda as razões de nossa fé cristã. Pelo batismo, somos chamados a nos comprometermos verdadeiramente com Deus, sabendo que nossa morada neste mundo não é definitiva.

No Evangelho segundo Lucas, Jesus nasce como um dos pobres. Deitado em uma manjedoura em um estábulo – porque não havia lugar nas pousadas de Belém para acolher Maria e José –, ele vem ao mundo por meios obscuros e surpreendentes. No entanto, enquanto o anjo proclama essa Boa Notícia aos pastores, a criança é anunciada como o Messias e Senhor que vem trazer paz a toda a terra. No canto dos anjos, todos são convidados a dar glória a Deus por esse nascimento milagroso, no qual Deus vem compartilhar nossa humanidade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 9,1-6)

A primeira parte do livro do profeta Isaías foi escrita por volta do século VIII a.C., durante o reinado de Ezequias. Uma das grandes preocupações do profeta era a infidelidade a Deus, visível nas atitudes de idolatria e injustiça praticadas pelo rei, as quais eram contrárias aos ensinamentos da Torá e desviavam muitas pessoas do caminho indicado por Deus. O texto da liturgia desta noite pertence à seção dos oráculos messiânicos do profeta. Eles anunciam que, num futuro próximo, Deus irá oferecer ao seu povo um mundo de justiça e paz.

Milagres na Bíblia

Luiz Alexandre Solano Rossi / Valmor da Silva (orgs.)



152 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

Este livro é um conjunto de seis artigos que refletem sobre os milagres, tal como aparecem na Bíblia e em outros textos sagrados.

O objetivo é mostrar como o assunto é tratado nesses textos, o que esses textos procuravam revelar e quais os possíveis significados de cada milagre.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

Isaías descreve a situação que seu povo estava vivendo, marcada por opressão, desânimo, frustração e falta de perspectivas, como se ele estivesse mergulhado num caminho de trevas. A realidade era como habitar nas sombras da morte. A comunidade dos fiéis estava mergulhada numa atmosfera sombria, sem direção, pois as lideranças estavam roubando a paz e a segurança do povo.

No entanto, em meio a essa realidade caótica, surge uma grande luz. Essa luz faz o povo explodir de alegria, cujos motivos o profeta vai descrevendo. O primeiro deles é a chegada de uma colheita com muita fartura. A resposta vem da natureza, pois a terra produz muitos frutos. O tempo da escassez passou, e agora o povo tem alimento abundante. O povo, porém, ainda tem outros motivos para se alegrar. O jugo da guerra e da opressão que pesava sobre ele foi quebrado. As roupas manchadas com o sangue da guerra foram destruídas. Nasceu o menino que foi dado ao povo como filho para conduzi-lo para a luz.

Aqueles que Deus envia para conduzir seu povo jamais cometerão algum mal. Aqueles que assumem posição de liderança porque amam o povo apontam saídas que dão esperança e vida aos desesperançados. O menino foi enviado para restaurar a paz porque governa o povo com o direito e a justiça. Agora, os direitos dos pobres e oprimidos são respeitados, por isso esse menino é chamado de príncipe da paz. Ele é dom de Deus ao seu povo, e Deus permanecerá com ele para que essa paz não tenha fim.

2. II leitura (Tt 2,11-14)

O destinatário desta epístola é Tito. Ele se tornou cristão a partir de seu contato com Paulo. Acompanhou Paulo em diversas missões; participou do Concílio de Jerusalém com ele, esteve em Éfeso, Corinto. Foi de grande ajuda para resolver alguns conflitos nessas comunidades a pedido do apóstolo.

Embora esta carta seja atribuída a Paulo, há dúvidas de que ele seja o autor, pois os problemas nela retratados parecem ter surgido bem depois da atividade missionária do apóstolo. A grande preocupação já não era a segunda vinda de Jesus Cristo, que seria iminente, mas sim estabelecer a conduta dos cristãos dentro da sociedade de seu tempo. Isso porque os cristãos estavam perdendo o entusiasmo, tinham se acomodado, e as comunidades estavam perdendo a vivacidade e o fervor.

Por isso, o autor da carta procura reencantar os cristãos, buscando razões válidas para que vivam sua fé de forma autêntica e comprometida. Ele os exorta a viver o tempo presente com temperança, justiça e piedade. A manifestação gloriosa de Cristo fundamenta a esperança. Só tem sentido esperar pela segunda vinda do Senhor vivendo a caridade, não se apegando aos tesouros deste mundo, sabendo que a terra não é a pátria definitiva. O discípulo deve ter seu olhar fixo em Jesus, que se entregou por nós até a morte para nos libertar do pecado e do egoísmo. Ele é a medida de nosso amor e compromisso.

3. Evangelho (Lc 2,1-14)

No relato lucano do nascimento de Jesus, o menino nasce como um dos pobres. Deitado em uma manjedoura em um estábulo, porque não havia lugar na pousada, vem ao mundo por meios obscuros e surpreendentes. No entanto, enquanto o anjo proclama a Boa Notícia aos pastores, essa criança é anunciada como o Messias e Senhor. No canto dos anjos, todos são convidados a dar glória a Deus por esse nascimento milagroso, no qual Deus vem compartilhar nossa humanidade.

Lucas faz uso das tradições segundo as quais Maria e José vieram de Nazaré e Jesus nasceu em Belém da Judeia quando as figuras de Herodes, o Grande, César Augusto e Quirino eram autoridades políticas conhecidas. Todavia, o nascimento de Jesus vai ofuscar todas essas autoridades, porque Ele é o motivo da grande

alegria. O evangelista o apresenta como o Messias davídico que traz o dom escatológico da paz. Em sua pequenez, em contraposição com os poderosos deste mundo, o recém-nascido é o Salvador e o portador da paz para todos.

Em sua revelação aos pastores, os anjos cantam que a vinda de Jesus traz paz. No entanto, há pouca coisa, nos detalhes do Evangelho, que dão evidência de paz. Jesus nasce como peregrino longe de casa, em um estábulo, numa cidade lotada e sob a ocupação de estrangeiros. A aparição do anjo aos pastores os assusta. Portanto, quando os anjos proclamam o nascimento de Jesus como o prenúncio da “paz na terra”, Lucas tem a intenção de desenvolver aos poucos os fatos que evidenciam ser Jesus o príncipe da paz. É no decorrer de todo o terceiro Evangelho que essa Boa-nova é esclarecida. Os pastores são convidados a reivindicar uma fé que os capacitará a ver esta criança como um sinal da promessa de Deus de um Messias. É por meio dessa fé que se encontra a paz que os anjos cantam.

Os pastores são as primeiras testemunhas desse grande acontecimento. Eram considerados pessoas rudes, simples e pobres. É precisamente essa categoria de marginalizados que se alegra com a chegada de Jesus. A Boa Notícia é, em primeiro lugar, para eles. O título de salvador era atribuído apenas ao imperador romano. Lucas inverte toda a hierarquia da sociedade da época, aplicando a Jesus todos os títulos reservados às autoridades políticas. Ele é aquele que vem restaurar a paz, o Salvador, o príncipe da paz; todas as autoridades políticas e religiosas fracassaram em sua missão de proporcionar a paz verdadeira, por isso o evangelista afirma que somente Jesus é o Senhor.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O menino Jesus, que nasce pobre em Belém, é que dá sentido às profecias anunciadas por Isaías. Ele é aquele que vem arrancar o povo da escuridão e das sombras da morte. O nascimento

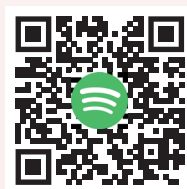
de Jesus, que celebramos nesta noite, significa que Ele é, para nós, a esperança da nova ordem que as profecias apontam. E acolhê-lo implica entrar na dinâmica de seu projeto de paz. Sua chegada nos interpela: é realmente nele que depositamos toda a nossa confiança e esperança?

O presépio nos ajuda a contemplar que a lógica de Deus é muito diferente da lógica do mundo em que vivemos. Deus se manifesta na pequenez de uma criança, que nasce cercada de pessoas simples e de seres da natureza, e não em um ambiente de riqueza e esplendor. É na manjedoura, na fragilidade, na simplicidade que a luz do mundo brilha. Sua chegada é Boa Notícia, é ternura que enche de felicidade aqueles que estão à margem.

Nossa cultura globalizada institucionalizou e sacralizou muitos valores efêmeros, como dinheiro, *status*, bens de consumo, sucesso, poder e visibilidade midiática, e montou um sistema publicitário que nos induz à busca da felicidade falsa ou aparente. No entanto, esses valores frequentemente levam as pessoas a uma vida vazia e sem sentido. A celebração do Natal nos confronta, fazendo-nos pensar nos valores que norteiam nossa vida. É Jesus Cristo nossa referência? É ele que conduz nossa vida, ou preferimos seguir as propostas das autoridades deste mundo, que não passam de ídolos?

NATAL (MISSA DO DIA)

25 de dezembro



A Palavra armou sua tenda entre nós!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A solenidade da natividade de nosso Senhor nos convida a contemplar o amor de Deus pela humanidade. Sua encarnação

expressa a profunda comunhão de Deus com a criatura humana. Ele em pessoa entra em diálogo conosco. O evangelista João o descreve como a Palavra que veio habitar no meio de nós, a fim de oferecer sua vida em plenitude, elevando-nos à dignidade de filhos e filhas de Deus.

A primeira leitura pertence ao chamado livro da consolação do profeta Isaías. O texto nos apresenta a chegada do Deus libertador, que vem trazer a paz e a salvação a toda a terra. Sua vinda muda a sorte do povo. O profeta anuncia a transformação da realidade de tristeza para um tempo de júbilo, porque o mensageiro da paz, enviado por Deus, vai inaugurar nova etapa na história de Israel, fazendo que novamente reine a paz.

A segunda leitura, retirada da carta aos Hebreus, recorda aos cristãos que, na história da salvação, Deus nos falou de muitos modos: por meio dos patriarcas, matriarcas e grandes líderes, como Moisés, juízes, profetas e sábios do povo. Por fim, ele mesmo entrou em diálogo com a humanidade, por meio de seu Filho. O autor da carta nos apresenta o plano salvífico de Deus, que chega ao seu ponto mais alto com a vinda de Jesus ao mundo. Jesus é a Palavra viva que nos cumpre acolher e escutar.

O prólogo do Evangelho segundo João nos diz que a Palavra de Deus é uma pessoa: Jesus, o Filho de Deus enviado ao mundo. Essa Palavra, que estava presente na ação criadora de Deus, veio completar a obra da criação, redimindo a humanidade. Ele é a luz do mundo que veio para eliminar toda sorte de pecado, isto é, tudo aquilo que se opõe à vida.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 52,7-10)

O texto da primeira leitura pertence à segunda parte do livro do profeta Isaías, chamado de Dêutero-Isaías. Esses capítulos tratam a situação do cativo na Babilônia.

Parte de Israel foi deportada quando a Babilônia ocupou Jerusalém (no período de 586-539 a.C.). A perda da terra, dom de Deus para seu povo escolhido, trouxe um sentimento de derrota, frustração, desânimo, dispersão e abandono por parte de Deus diante dos pecados cometidos outrora.

Esta leitura retrata a fase final do exílio na Babilônia. É em tal contexto que o profeta vem exortar o povo, anunciando que Deus irá intervir nessa situação desoladora. Sua mensagem é de consolação: o profeta fala de novo êxodo para a Terra Prometida; é o convite para sair dessa situação de tristeza, pois é tempo de fazer a passagem da desolação para a consolação. Deus irá reconstruir e restaurar Jerusalém; ele não esquece nem abandona seu povo em situação de ruína.

Para reavivar a esperança do povo, o profeta o convida a contemplar a realidade concreta da cidade de Jerusalém devastada. Somente Deus é capaz de reconstruí-la, mas o povo tem de retomar sua escolha de ser fiel ao Senhor. Por isso, de forma poética, Isaías põe as sentinelas da cidade em alerta. O mensageiro da paz vem; seu grito de alegria soará em todos os cantos da cidade. Não é um grito de terror, mas de júbilo. A alegria da salvação que Deus oferece será plena e total. Essa alegria contagiara a todos. Até as pedras irão se contagiar com esse contentamento. Em vista disso, Israel deve abrir seu coração e festejar a chegada do mensageiro de Deus. Para perceber o novo tempo que se aproxima, é necessário fazer uma leitura atenta dos sinais de sua presença e uma renovação de vida. O Senhor Deus é o único rei de Israel; somente ele dirige e governa seu povo. Portanto, suas leis e preceitos são o caminho para a reconstrução da paz.

2. II leitura (Hb 1,1-6)

O autor da segunda leitura é um cristão anônimo que se dirige aos hebreus, grupo que provavelmente era a grande maioria nas

comunidades cristãs providas do judaísmo. Porém, o título ou palavra “hebreus” é muito raro no Novo Testamento. Em todo caso, trata-se de cristãos em situação difícil, expostos à perseguição, vivendo num ambiente hostil à fé cristã. São fiéis que enfrentam uma situação de desalento, o que justifica o desânimo e a perda do fervor. É nesse contexto que o autor exorta a comunidade a testemunhar sua fé em Jesus Cristo, procurando retomar a radicalidade inicial de seu compromisso cristão e tendo, diante de si, o único sacerdote: Jesus Cristo, o Filho de Deus.

O texto alude ao projeto salvífico de Deus, que, de muitos modos, falou ao povo por meio dos patriarcas, matriarcas, profetas e, por último, por meio de seu Filho. Assim, recorda, de forma breve, toda a história da salvação. A última etapa dessa história é inaugurada por Jesus Cristo, Palavra plena, definitiva, perfeita, mediante a qual Deus vem ao nosso encontro para nos apontar o caminho da salvação e da vida em plenitude.

O autor da carta apresenta Jesus como o Filho de Deus, imagem perfeita do Pai amoroso e misericordioso. Jesus tornou visível, em plenitude, o rosto do Pai, pois procede dele. Como Jesus mesmo disse, quem o vê, vê o Pai. O Filho está na origem do universo, por isso o cristão é chamado a reconhecer seu senhorio. Essa soberania se expressa, de forma plena, na encarnação e na redenção por sua morte na cruz. Ele completou a obra começada no início da criação; por conseguinte, aqueles que o seguem devem acolhê-lo como o único salvador, como caminho de vida eterna.

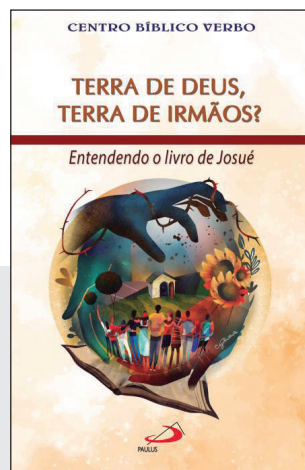
3. Evangelho (Jo 1,1-5.9-14)

O texto evangélico da missa do dia de Natal é retirado do prólogo do Evangelho segundo João, que começa com a expressão “no princípio”, com a qual o evangelista estabelece uma relação de continuidade entre o relato da criação e o da obra redentora concluída por Jesus, interpretando toda a história

Terra de Deus, terra de irmãos?

Entendendo o livro de Josué

Centro Bíblico Verbo



Imagens meramente ilustrativas.

Apresenta quatro roteiros de encontros sobre o livro de Josué, que narra os acontecimentos da conquista da terra de Canaã entre os anos de 1300 e 1000 a.C., a organização do povo em tribos e como a redação do livro foi feita após o exílio na Babilônia.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

da salvação. Desse modo, tudo aquilo que o evangelista vai narrar sobre Jesus está em relação com a obra criadora de Deus. A missão de Jesus consiste em levar à plenitude a obra da criação iniciada por Deus “no princípio”.

Na visão do quarto Evangelho, a Palavra de Deus outrora dirigida à humanidade, com a qual Deus falou por meio da Lei e dos Profetas, não passava de expressão parcial da plenitude. Pela encarnação da Palavra, Jesus Cristo, chega-se a conhecer a verdadeira imagem de Deus e, diante dela, todas as demais se tornam fragmentadas e imperfeitas, pois a Palavra já não é apenas algo dito ou escrito, mas sim uma pessoa: Jesus. A expressão “verbo” (logos), usada pelo evangelista, é a mesma que se usa em muitas passagens do Antigo Testamento, quando se menciona a palavra ou mensagem de Deus dirigida aos profetas. Nos textos proféticos, porém, “verbo” é usado como palavra dirigida a alguém escolhido por Deus. Agora, a Palavra não é dirigida, mas se faz carne e habita entre nós.

Essa Palavra vem ao encontro da humanidade. A tenda é símbolo muito conhecido dos ouvintes de João, indica a presença de Deus no meio do povo. O termo recorda o lugar de encontro de Deus com seu povo no deserto. Agora, a tenda de Deus, o lugar em que ele habita no meio do povo, é Jesus. É o encontro com sua pessoa que traz luz e vida para a humanidade. Encontrar-se com Jesus significa romper com todas as situações de trevas, de pecado e de escravidão. Acolher essa Palavra em nós, para João, significa ter vida em plenitude. É caminhar na luz e abandonar todas as formas de egoísmo, mentira e injustiça que ameaçam a vida. Toda a obra de Jesus consiste em capacitar o ser humano para uma vida nova, como a que Deus ofereceu desde o princípio da criação.

A missão de Jesus, Palavra encarnada, é comunicar vida; e João a compara com a luz. Portanto, luz e vida são duas realidades profundamente relacionadas. A luz é, para a humanidade,

sua orientação e guia, é o que lhe mostra a meta e para ela atrai. Na tradição rabínica, a luz era a Lei de Moisés. Para o evangelista, a luz que dá vida aos seres humanos é Jesus. Quem o conhece tem a vida em plenitude e caminha sob a luz da nova lei do amor.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

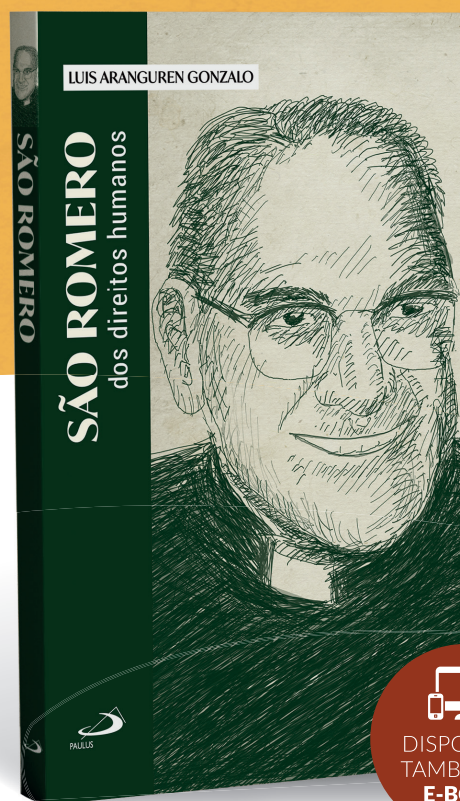
A alegria das sentinelas atentas das montanhas ao redor de Jerusalém, a ponto de até as pedras bradarem de contentamento, é expressão de uma linguagem simbólico-profética usada para descrever os sinais precursores da chegada de Deus. Na verdade, o profeta nos convida a estarmos atentos e preparados para ler os sinais da chegada do Senhor. Ele vem para transformar realidades e atitudes que não promovem a vida. É essa alegria que nos anima, que reina em nossa cidade, neste dia em que celebramos a chegada libertadora de Jesus?

Celebrar o nascimento de Jesus é momento privilegiado de contemplar o amor misericordioso de Deus, que não abandona a criatura humana nem dela se distancia. Pelo contrário, ele rompe todas as barreiras e distâncias para proporcionar nosso encontro com ele. O menino Jesus, que contemplamos no presépio, é a Palavra definitiva, revelada a toda a humanidade; é o verdadeiro caminho que conduz à salvação. Escutar e acolher essa Palavra é o critério fundamental que deve orientar nossas escolhas e atitudes. Jesus, Palavra viva do Pai enviada a este mundo, é, de fato, minha referência?

Em nossos dias, como no tempo em que João compôs seu Evangelho, Jesus, a Palavra encarnada do Pai, continua a confrontar os sistemas que destroem a vida das pessoas e de toda a obra criada por Deus, para eliminar, na sua origem, as forças avassaladoras da morte. Acolher essa Palavra, que veio armar sua tenda no meio de nós, exige compromisso diante das forças do mal que ameaçam a vida em nosso planeta. Jesus é a luz que brilha em meio às trevas e hoje nos convida a manter viva a chama do amor que ele veio acender.

vp

A obra dirige-se a todas as pessoas que buscam, de alguma forma, transformar a realidade em que vivem.



O intuito do autor não foi elaborar uma biografia, listando datas e fatos, mas adotar um enfoque ético e pedagógico para apresentar o aspecto educativo do legado de dom Romero, bem como lições éticas que se depreendem desse legado e algumas pedagogias que podem ajudar a pô-las em prática.

Leia a obra completa!

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 0800-0164011
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!



A REFLEXÃO AGOSTINIANA VAI INSTRUIR OS FIÉIS E AJUDÁ-LOS A LER OS TEXTOS JOANINOS



Comentários a São João – Volumes I e II

Nos dois tomos desta obra, Santo Agostinho dedica seu esforço intelectual aos textos bíblicos do Evangelho de João. Tais escritos nascem da pregação litúrgica e são compostos de uma série de 124 homilias, construídas ao longo de 15 anos.

Confira!

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

